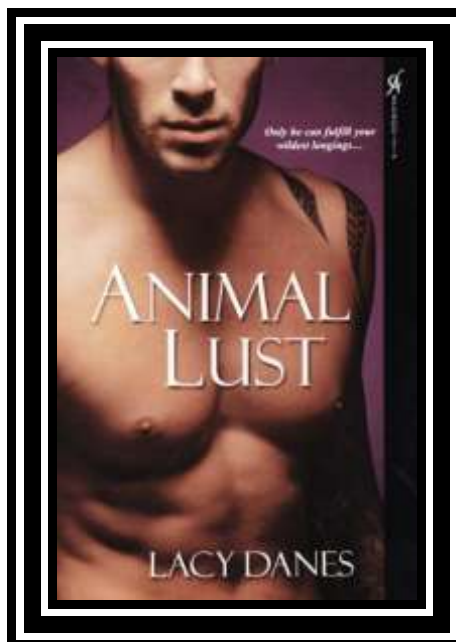




Animal Lust - Martin

Lacy Danes

Na Inglaterra da regência, há um mundo controlado pela paixão selvagem e o desejo proibido - um mundo onde cada fantasia é realizada quando quatro irmãos levam suas mulheres a novas alturas extasiadas de desejo carnal...

Os irmãos Ursus são descendentes de um clã Viking cujos antepassados foram condenados a uma vida de impulsos sensuais extremamente absorventes. Perseguidos por sua fome insaciável, cada irmão sabe que somente uma coisa pode dominar seus gigantescos apetites selvagens: reclamar o coração e a alma da mulher que é seu destino...

Rodeado por uma aura de perigo e conduzido por seus instintos inquebráveis, cada irmão sabe imediatamente quando encontrou com a mulher correta e, imediatamente, ensinam-lhe a arte de dar e receber prazer. Mas assim que estas mulheres saboreiam pela primeira vez o cru abandono do êxtase, somente querem mais e mais...

Nota da Revisora Gislene: O livro não é empolgante, porém, é uma história doce. É hot mas se fosse meu primeiro livro de "cambiante" teria ficado com cara de UÉH, mas o herói é fofo e a mocinha atiradiinhaaa hehehehehe

Nota da revisora Kakau: Pessoas, não posso dizer mais nada além de que quero um urso desses para mim... Ai, ai... (Indo tomar um banho frio).

Disponibilização em Esp: natichi (anoiss)

Tradução: Gisa

Revisão Inicial: Gislene

Revisão Final: Kakau

Formatação: Byba

Tiamat - World





Martin

Capítulo 01

Cumberland, Inglaterra, 1800

Doce Mãe! Que erro tinha cometido! Jane colocou a mão na boca, e mordeu a pele de sua palma.

Jonathan nunca a quis. Mentiu.

As lágrimas nublaram sua visão e deslizaram por suas bochechas. Tropeçou e tropeçou, mal vendo o atalho arborizado diante dela. A carne de seu sexo ardia, e suas pernas doíam. Como necessitava um longo banho em uma banheira e um tempo para organizar tudo isto. Maldição!

Quando tinha interpretado mal suas intenções? Estiveram se tocando e se beijando atrás de seu botequim em segredo por meses. Todo o povo pensava que se casariam. Então, hoje na feira, entraram às escondidas no bosque.

— Querida, querida, não quer me fazer amorzinho meu amor? — O cheiro de cerveja de seu fôlego chegou nela.

Não devia fazê-lo, mas como gostava dele. Que problema havia?

— Casará comigo? — Suspirou em seu cabelo, sua cabeça rodando de excitação.

Ele lançou um grunhido quando seu toque se estendeu às suas costas musculosas.

Tinha lançado um grunhido! Seus dentes se apertaram enquanto percorria sem ver o caminho à frente dela. Mãe querida! Nunca havia dito que se casaria com ela. Tinha ansiado seu toque e os sentimentos que criava nela tão loucamente que tinha confundido o grunhido como uma afirmação de seus intuitos.

Tinha dado sua inocência a um homem que não tinha nenhuma intenção de casar-se com ela. Seus dedos apertaram seu ventre. Podia ter ficado grávida, e não tinha nenhuma maneira de cuidar de um bebê e de si mesma. Tola, realmente tola.

Sua cabeça dava voltas. Engasgou em busca de ar quando suas pernas se enroscaram em suas saias, tropeçou, caindo, seus membros se estenderam abertos sobre a terra dura e úmida. OH! Estava tombada, seus pulmões queimavam incapaz de respirar, e fechou os olhos. Sua vida inteira tinha mudado em um ato de maldade gratuita. Levantaria. Encontraria uma maneira se



estivesse grávida, mas, agora... Choraria enquanto ninguém pudesse vê-la.

— Encantadora Jane. — Abotoou suas calças enquanto inalava profundamente, o ar frio se nublou quando exalou. — Nada mal para uma iniciante verde, e nenhum perigo de gonorréia.

Gonorréia. Tinha transado com ela como se não fosse melhor que uma empregada de botequim. Queria-a. Disse que a queria. Seus olhos se fecharam enquanto as lágrimas brotavam.

— É toda uma beleza, Jane. E tem um pequeno e doce pote de mel. Cuida bem dele e viremos aqui outra vez algum dia. — Virou e se perdeu entre as árvores.

Por Deus. O que tinha feito?

Com sua cara enterrada na terra, as lágrimas se deslizaram por seu rosto em silêncio. Seus membros tremeram, e sua cabeça deu voltas. Não tinha chorado em todos seus anos. O ato a esgotou e deixando-a exausta. Levante-se, Jane. Com um soluço, se endireitou e ficou de pé com pernas trementes. Era a filha de um comerciante endinheirado. Era amigo de seu papai. Como se atrevia a tratá-la dessa maneira?

O pânico se apegou a seu coração.

Este ato arruinava suas possibilidades de uma vida normal e trazia a vergonha sobre seu sobrenome. Os negócios de seu pai seriam prejudicados. Como pôde ser tão egoísta? Sua família, ela os amava.

Desesperada, seu olhar percorreu os arredores do bosque. Nada mais que árvores. Pensa, pensa, sua estúpida...

Seus dedos beliscaram a ponta de seu nariz. Iria ao Jonathan e lhe pediria que não dissesse uma palavra. Maldita fosse. Seus olhos se fecharam.

Se somente pudesse encontrar a maneira de sair do bosque. Conteve a respiração, atenta a qualquer som proveniente da mata. Nada. Qual é a regra? Segue ao sol e te levará ao norte... Não... Mãe querida! Deveria ter escutado seu pai quando dava as instruções.

Caminhou para o sol poente; a dor se estendeu através de seu tornozelo e até acima de sua perna e suas têmporas pulsaram. Ai! Pôs o peso sobre sua perna e cambaleou. Podia coxear, mas não chegaria longe.

O bosque ficou mais escuro. Onde estava? Mancou pelo atalho acima. Maldita fosse. Perdida, aí é onde estava. Avançou com cuidado. O frio rodeou seu coração e empurrou seus maltratados sonhos. Na frente pôde vislumbrar um caminho e o sol descendo no horizonte. O caminho, cheio de buracos e deteriorado pelo uso, certamente levava a... Algum lugar...



O trovão retumbou à distância quando olhou fixamente à grande porta de madeira. A escuridão era ameaçadora e não passava uma alma pelo caminho neste lugar. A casa era de quatro plantas, com chaminés imensas que chegavam até o céu. Residira em Cumberland durante cinco anos e nem uma vez ouviu falar de uma propriedade como esta. Levantando sua mão, bateu enquanto a chuva caía feita chumbo a terra com grandes gotas atrás dela.

Bateu outra vez; os calafrios correram sobre sua pele. A porta chiou enquanto se abria.

— Posso ajudá-la, senhora?

— OH! Efetivamente. — Ela virtualmente saltou sobre o homem que mostrava sua cabeça pela pequena fresta. — Estou perdida e machucada. — Mostro seu tornozelo. — E, bem, você vê, está começando a chover. Seria possível que ficasse esta noite? Poderia dormir na cozinha Ou... Ou... Ou estábulo. Não serei um problema.

Os olhos do homem se abriram amplamente detrás de suas lentes e sua cara se torceu em uma careta horrorizada.

— Sei que isto é muito irregular, mas, por favor?

Suas feições voltaram a ficar sérias, apertando os lábios em uma linha.

— Sinto muito, senhora. Não há nenhuma maneira segura para que fique aqui.

Segura?

— Desculpe? — OH! Por favor, só deixe-me.

O vento açoitou sua cabeleira. Um calafrio atormentou seu corpo e seus dentes tocaram castanholas.

— OH!... OH!... — Deu uma olhada na casa — Muito bem, senhora. Mas deve seguir todas minhas ordens. Sem falta. As mulheres não devem estar nesta casa.

Estava preocupado pelo decoro? Estava brincando! Estava arruinada. Lágrimas de vergonha encheram seus olhos e as sacudiu. Que estupidez! Este homem não tinha nenhuma maneira de saber disso.

— Como desejar, senhor.

Não tinha escolha. Entrar nesta casa e evitar ser apanhada em um dos dilúvios de Cumberland, ou tratar de encontrar seu caminho de volta na escuridão e provavelmente morrer. Encolheu-se. Isso era muito pessimista, mas aparentemente sua mente só podia seguir esses caminhos esta noite.

Vacilou e abriu a porta somente o suficiente para que pudesse entrar. Entrou no escuro hall



de entrada e deu uma olhada ao seu redor. Uma escada imponente serpenteava até o teto. A luz débil brilhava através de uma janela em cima da porta e iluminava a entrada e as pinturas que cobriam as paredes. Aonde levavam essas escadas? Um estranho calafrio subiu por sua espinha dorsal, e avançou para frente, como se quisesse ver o que havia ao final.

— Por aqui, miss.

Sobressaltada, deu meia volta e seguiu ao criado por um corredor que se abria à esquerda da entrada.

— A porei na ala leste. Você fechará com chave sua porta. Cada fechadura. Trarei a água morna para se lavar. Depois, não admita ninguém em seu quarto.

Muito protetor para ser um criado, mas então pensou que talvez seu amo fosse um autêntico homem irritável. A última coisa que queria era terminar novamente lá fora na chuva.

— Muito bem, senhor. Não tenho nenhum desejo de te trazer problemas. Certamente posso dormir na cozinha.

— Não! — sua voz era um suspiro agudo.

Suas sobrancelhas se uniram quando seus olhos se ajustaram à luz débil do corredor pelo qual caminhavam. Por que estaria tão nervoso?

— Até que diga ao Lorde Tremarctos que estará conosco, ficará fora da vista.

O homem tragou duro. Sua mão se moveu para cima como se a tivessem beliscado e logo se deteve no ar enquanto olhava pela extremidade do olho.

Raro! Certamente não tinha nada que temer. Além disso, o cansaço a governava e os eventos do dia a sacudiram assim não via nenhum problema em encerrar-se atrás de uma porta nesta casa.

Esta casa... Seu olhar se precipitou aos arredores do corredor e quase parou e voltou sobre si mesma. Que casa tão formosa! Os pisos brilhavam em um escuro mármore lustrado. As portas se elevavam até o teto com as maiores dobradiças de ferro que tinha visto na vida.

Na luz débil pôde distinguir que a casa brilhava com um encanto que nunca veria outra vez. Realmente uma pena. Desejava poder ver cada detalhe. Dobraram uma esquina e seguiu ao homem até acima por três lances de estreitas escadas de criados. Ao final de um corredor outro criado se aproximou, e o homem que a guiava agitou sua mão, chamando-o.

— Traga água quente, um cântaro e providencie para que Jack envie o chá com queijo e pão doces.



— Senhor. — O homem inclinou sua cabeça e a olhou fixamente quando passou.

Sua roupa era uma desordem! Entretanto, a cortesia ordenava que não devesse olhá-la fixamente. Seus dedos se afundaram no barro que cobria seu vestido e seu olhar se assentou em suas mãos salpicadas de terra. Pôs os olhos em branco. Que vergonha! Finalmente via o interior de uma elaborada casa e ela tinha o aspecto de ter passado o dia recolhendo verduras do jardim.

Detiveram-se a meio caminho por outro corredor e ele abriu uma porta. Atravessou a soleira e se deteve. Seus olhos se abriram enquanto entrava em uma acomodação bem equipada.

— OH! Senhor, as acomodações de um criado bastará.

— Não, senhora. Nenhuma das acomodações dos criados tem portas. E... Bem, prometa trancar a porta.

Em seguida girou para acender o fogo na grade. A chama iluminou a habitação escura. OH, como queria esquentar-se, lavar a imundície de seu corpo e se fazer uma bola nessa cama enorme e celestial. Sua boca se abriu. Meu Deus, o colchão era enorme; os postes eram esculpidos, mas com uma luz tão fraca não podia ver o desenho.

A roupa de cama parecia uma sombra profundamente deliciosa, muito escura para percebê-la no brilho do fogo. A idéia de encontrar-se nua sobre a seda escarlate brilhou ante ela. Seu cabelo se estenderia sobre os travesseiros enquanto um amante acariciava suas coxas, sua cabeça entre suas pernas, lambendo a entrada de seu útero. Seus joelhos se dobraram enquanto sentia o fogo que formigava através de seu sexo. OH, Deus! Levou sua mão à boca emocionada e estremeceu, tratando de apagar a imagem de sua mente.

Nunca em sua vida tais idéias tinham entrado em sua cabeça. Quando imaginava o ato com Jonathan, o sexo nunca envolvia uma cama e nunca com sua boca ali. Sua mão esfregou a frente de seu vestido no vértice de suas coxas. Seria agradável que a beijassem ali? Suas molhadas bochechas se esquentaram e retirou bruscamente sua mão. Graças a Deus ninguém podia ler seus pensamentos!

Estava cansada; isso era tudo. O homem pelo qual tinha passado trouxe a água e encheu um pote para que se lavasse; foi seguido por um cavalheiro com uma bandeja de chá. Esperou até que partissem, fechou com ferrolho a porta como pediram e em seguida se sentou sobre a cadeira em frente ao fogo. As lágrimas gotejaram por seu rosto; eram as últimas que admitiria por causa do Jonathan. Amanhã seria um novo dia e encontraria uma maneira de arrumar esta desordem. Mas esta noite... Começou a soluçar outra vez.



Um ruído interrompeu seu sonho. O que era isso?

O som aumentou quando seus olhos se abriram na escuridão. O fogo na chaminé já não ardia e no exterior a chuva era ensurdecadora.

Crack.

O relâmpago iluminava as laterais da cortina quando o som de arranhões do outro lado da porta aumentou ainda mais. Seu coração começou a bater cada vez mais rápido. O que era isso? Um cão?

Empurrou os lençóis, ficou de pé e cruzou o quarto gelado até a porta.

Tremeu quando esteve de pé ante a madeira pintada de branco. Seu olhar escaneou a linha de oito fechaduras que o criado tinha pedido que fechasse. Sentira-se absurda quando o escutou, mas seu nervosismo sobre deixar que uma mulher ficasse ali a fez perguntar-se o que havia além dessa porta. Inclinando-se contra a porta pôs sua orelha onde se ouvia o crack.

Sniff, sniff. O baixo retumbar de um grunhido lhe chegou do lado oposto.

— *Posso te farejar.* — *sniff* — *O sangue virginal, o sêmen, gotejando de você.*

Saltou e retrocedeu, esticou seu braço para a porta com indignação. Como... Como alguém podia saber o que tinha feito hoje? Tinha se lavado... Totalmente. Não havia nenhuma maneira possível de que alguém pudesse farejar sua loucura. Este era um sonho?

— Quem... Quem está aí?

Sua voz vacilou quando estendeu a mão e tocou os ferrolhos que trancou essa noite.

— *Me deixe entrar.* — O grunhido, tão baixo e gutural, arrepiou os pelos de sua nuca. — *Deixe-me provar o que deu tão livremente a outro.*

Continuou olhando fixamente a porta; a vergonha e o pânico ferviam através de seu corpo a fazendo tremer. O rosnar aumentou. As aspirações e fungadas ressonaram como se a pessoa fora de sua porta estivesse de pé ao seu lado.

— *Me deixe... Deixe-me...* — O grunhido se tornou mais rouco e o suor deslizou por suas costas.

Não se renderia. De algum modo o intuía.

O som de algo que se arrastava aumentou seus olhos, e com êxito, a porta tremeu sobre suas dobradiças.

— *Me deixe, maldita!* — Uivou com indignação — *A terei. Ninguém se nega a minha*



vontade.

— Não... Vá. Deixe-me! — Gritou na escuridão e se afastou da porta quando a madeira tremeu outra vez e chiou com o peso dos golpes.

Isto era um sonho certamente. Nada assim podia ser real.

Seu corpo tremeu seu olhar grudado na porta. Por favor, que as fechaduras resistissem.

Um guincho de dor chegou do outro lado da porta e uma respiração fez cócegas a seu pescoço. Sua mão se precipitou para a garganta enquanto girava, esperando ver alguém ali. Nada. As cortinas voaram, e a janela se abriu com um crack.

Maldição! Saltou e correu para a janela. O vento uivou, afastando com suas rajadas o cabelo de seu rosto. Agarrou a madeira empapada em suas mãos e a puxou; olhou fixamente à noite no exterior. A chuva golpeou contra suas folhas e, quando o marco de madeira encaixou em seu lugar com um clique, um relâmpago acendeu os jardins sob a casa.

Uma figura se agarrava à parede na base do edifício. Olhos carmesins a olharam fixamente. Engasgou enquanto travava a janela e fechava a cortina, dobrando-se quando —amaldiçoou— os olhos apareceram em cima da beira do batente.

O chiado ressonou em sua cabeça outra vez. Com o coração batendo com força, girou e olhou a porta.

Nada. Nem um som exceto o estrondo de seu coração acelerado. Seu corpo tremia de forma incontrolável como se cada sombra da habitação se movesse e viessem por ela.

Isto é somente um sonho.

Fecha seus olhos e tudo estará bem.

Saltou, com os nervos em tensão quando tropeçou ao retornar à cama e engatinhar sobre o colchão. Seus olhos dançaram de um lado a outro entre a janela e a porta, procurando algo que se movesse na escuridão, mas tudo permaneceu quieto.

Só fecha seus olhos e as coisas estarão bem. Pela manhã pode partir deste lugar para casa.

Quando se forçou a fechar suas pálpebras, a tranquilidade a envolveu.

Capítulo 02



A suave calidez da seda a rodeava e um aroma agradável fazia cócegas em seu nariz. Mmmm. Aspirou outra vez.

Canela.

Sua mãe estava assando. Adorava seus bolos. O estômago de Jane rugiu e ela se esticou na cama, vadiando enquanto ficava prazerosamente de lado.

A firme pressão que a comprimiu no colchão não permitiu que continuasse com seus movimentos. O que? Forçou-se novamente a abrir os olhos piscando na escuridão. Não estava em casa. Esta não era sua cama.

Incorporou-se, e seus músculos se queixaram enquanto fixava o olhar no negrume que a rodeava. Seus olhos se abriram como pratos quando divisou uma forma vaga da porta. A madeira pintada de branco, os ferrolhos destravados e aberta. Seu coração começou a correr. Começou a debater-se tentando desesperadamente levantar-se. Não podia mover-se. Seus músculos tremiam. Mas nada a continha. Outro sonho; este era só outro sonho. Fechou fortemente as pálpebras.

Sniff, Sniff, Sniff. O ar morno fez cócegas em seu estômago.

Mãe querida, isso era real. Seus olhos se abriram de repente. Entretanto, não viu nada. A roupa de cama permanecia plana, mas debaixo dos lençóis algo se deslizava por seu torso para seus peitos. O que...

— Detenha-se! Não me toque!

Retorceu-se. A seda morna tocou o topo de seu mamilo, e seus pulmões travaram.

— Por favor!

O pânico se apoderava dela e seu corpo se tornou úmido. Isto é o que ocorre quando você participa no ato fora do matrimônio voluntariamente. Se vê acossada pelos pesadelos e sonhos de desejo carnal. Apertou os lençóis contra seu corpo e o ar morno, úmido se deslocou ao seu pescoço e orelha.

— *Disse que nenhuma se nega a mim.*

O aroma de canela se fez mais forte e seu corpo inteiro tremeu.

— O que quer de mim?

Tentou mover-se com todas suas forças, mas não pôde fazê-lo.

O silêncio a envolveu.



— Por que não posso te ver? Este é um sonho?

Tudo permanecia calmo. Os calafrios atravessaram sua pele; se retorceu e esgotou seus músculos. Uma suave tibieza se arrastou por seu ventre e seu corpo tremeu na esteira do toque. O calor alagou seu núcleo.

— *Não te machucarei.* — A voz masculina arrulhou baixinho utilizando. — *A quem deu seu presente?*

O pano morno se estendeu até seus peitos e deu voltas ao redor de seus mamilos.

— OH, Deus...

Seus peitos ficaram pesados e gemeu. Por que... Como... OH! Por que respondia seu corpo a este estranho toque?

— Isso não é assunto teu.

Isto tinha que ser um sonho. — Um sonho do mais estranho e agradável.

— *Ah, mas se isto é um sonho, importa o que te faça?*

— Eu suponho que isso é verdade.— Disse tentativamente — Mas se isto é um sonho, por que diria algo assim?

O baixo retumbar de uma risada agitou seu corpo quando a suave umidade afligiu seu pescoço, beijando seu pulso acelerado.

— *É formosa. Seus olhos... Nunca vi um tom assim.*

Seu corpo ficou ainda mais carinhoso ante esse comentário.

— Obrigado. São como os de minha mãe.

Ele lançou um grunhido quando seu lábio contatou com a pele na base de sua garganta. Os calafrios de prazer palpitarão por sua pele. O que importava dizer a si mesma que o que fazia era uma estupidez? Isto certamente era um sonho.

— Dei minha inocência ao proprietário do botequim em Sudhamly.

A pressão que a sustentava se apertou e o ar se tornou denso. Um baixo grunhido gutural retumbou em sua garganta e uma língua lambeu seu pescoço da base a sua orelha.

Um estalo de ar quente acariciou o lóbulo de sua orelha.

— *É muito valente.* — Sua língua girou na curva — *O que te deu em troca?*

Seu corpo tremeu e afastou bruscamente sua cabeça da invasão.

— Eu... Não compreendo. O único que me deu foram suas sementes e um coração machucado.



Um assobio profundo e zangado deslizou por sua espinha dorsal e seu corpo tremeu.

— *O ama?* — Sua voz soava estrangulada.

— Acreditava que sim... Mas não o fazia.

Seu peito se esticou quando disse as palavras em voz alta. Uma declaração verdadeira e, ela tinha que enfrentar esse feito.

— *Deveria ter devolvido seu presente. É exigido dar algo em troca, especialmente quando lhe dão sua inocência.*

— Sinto muito, não compreendo. De que falas? Quem é?

O morno pano que rodeava seus mamilos desapareceu e sua boca se fechou sobre seu peito sem compaixão. A dor disparou através da malha em seu peito e seu corpo se arqueou sobre o colchão. Mordiscou e a dor constante formou redemoinhos em um intenso prazer, formigando desde seu ventre à carne entre suas pernas.

— OH, Deus, que... O que está fazendo?

Seus lábios tremeram quando sua língua girou sobre o mamilo.

Ele grunhiu.

— *Te darei o presente que seu companheiro roubou de você.*

— O presente?

Seu quente fôlego deslizou sobre seu estômago e uma nuvem de vapor tocou os cachos no vértice de suas coxas.

OH, minhas estrelas! Este sonho era exatamente o que tinha previsto encontrar nesta cama quando vislumbrou a monstruosidade pela primeira vez. A tibieza de veludo escovou suas coxas e ela mordeu o interior de seus lábios. Após separar suas pernas mais ainda, a esponjosa umidade dessa língua musculosa deslizou na fenda de seu sexo e seu útero pressionou para frente.

Sangue virginal ressonou em sua mente. Sementes que não pertencem. O calor pressionava seu útero e seu corpo se arqueou outra vez sobre o colchão.

Sim, desfruta do presente que te negou.

A língua girou em sua fatia, lambendo e chupando, como se tratasse de retirar cada grama das provas de sua loucura. OH, se só pudesse retirar as lembranças de sua mente!

Seu coração golpeou em seu peito e dentes arranharam a carne tenra de sua vulva aberta. Um intenso prazer disparou através dos músculos de suas pernas, esticando-os. Os dedos de seus pés se curvaram e seu útero se contraiu, derramando o suco de seu núcleo.



— OH!... OH!

Sua língua deslizou ao outro lado de sua carne marcada e lambeu o mel que agora fluía dela livremente. A sensação foi feroz, arqueando seus quadris do colchão. Esfregou seus cachos contra a grande cabeça e os amplos ombros que podia sentir agora separar suas pernas e pressionou a si mesma sobre sua língua. OH! Realmente havia um homem entre suas pernas!

O ditoso formigamento atravessou cada nervo de seu corpo. Seus punhos se apertaram fortemente; uma luz intensa cintilou quando cada músculo em seu corpo se retorceu em onda sobre onda. Gritou e em seguida se agitou suas pernas corcoveando ao contato de sua língua. Ele lambeu repentinamente seu ânus e seus músculos saltaram e se apertaram quando a carícia se tornou muito intensa.

— O que... O que foi isso?

Seu olhar se concentrou na figura de um homem extremamente grande que, sem dúvida nenhuma, se ajoelhava entre suas pernas. Fechou fortemente suas pálpebras. OH! Tinha sido uma parva!

— *Seu prazer. Por permitir que um macho te monte.*

— Perdão? O presente. — murmurou e apertou suas pernas contra suas coxas. Efetivamente, estava aí.

— *Sim.*

Suas grandes mãos agarraram suas coxas e apertaram brandamente.

Um uivo proveniente do corredor rompeu o ar. Ela se sobressaltou e um redemoinho de ar se desfez a seu lado. A tibieza de seda e o calor corporal se desvaneceram gradualmente e o pálido aroma de canela se espalhou no ar.

Tremeu e aproximou os lençóis ainda mais ao seu corpo. Tinha sido um sonho? Estendeu a mão para baixo e deslizou seu dedo na carne escorregadia de seu sexo. Certamente foi.

Levantando sua mão a seu nariz sentiu que o aroma de canela ultrapassava inclusive seu aroma. Muito estranho e peculiar para pensar nisso! Seu olhar disparou à porta fechada do corredor. Na leve luz contou oito fechaduras travadas. O esgotamento fechou e vagou em um sonho estranho e ditoso.

Tap, tap, tap, tap.

— Senhora. Senhora.

Jane despertou assustada. Endireitou-se na cama e olhou fixamente a porta. Esquadrinhou a



linha de oito fechaduras com o ferrolho bem passado e logo beliscou a ponte de seu nariz. Tinha sido tudo um sonho.

— Senhora! Tenho suas roupas lavadas.

— Um momento.

Levantou da cama e foi para a porta. Abriu cada ferrolho e girou o trinco. Certamente foi um sonho.

— Desculpe-me, senhora.

Uma mão deslizou através da abertura segurando seu vestido de lã cinza escuro, meias, anágua e espartilho. Ela os agarrou.

— Obrigada.

Então jogou uma olhada através da fresta da porta.

— Lorde Tremarctos foi informado de sua estadia conosco e deseja que tome o café da manhã com a família. — Tragou duro provocando um pronunciado movimento de sua noz. — Enviarei ao Jerome em um quarto de uma hora para te acompanhar ao salão.

— Muito bem.

Fechou a porta e travou as fechaduras. Tudo o que queria fazer era partir e endireitar o assunto do Jonathan, mas gostaria de ver a casa de dia. Partir uma hora depois não mudaria a situação nenhum pinga. Franziu o cenho.

Retornando para a cama ficou boquiaberta. Sobre a cadeira em que se sentou a noite anterior se encontrava um pálido vestido de musselina verde espantosa. A cor correspondia exatamente a seus olhos.

— De onde veio isso?

Levantou sua mão para tocar o tecido suave e caro, notando a vacilação em sua mão. Apertou os dedos em um punho. Havia dito que adorava seus olhos. Tinha sido um sonho, não? Renunciou à tentação e estudou a possibilidade. Ninguém podia ter entrado. Só havia uma porta e a janela...

Precipitou-se às cortinas e as abriu. A chuva caía regularmente mais à frente da janela de vidro claro, mas o ferrolho permanecia em seu lugar. Indubitavelmente o vestido tinha estado aí ontem à noite. Que estranho não ter notado o objeto! Não era nada raro sendo que sua mente tinha nadado em outros assuntos ontem à noite.

Jogou uma olhada à cama; a cor da roupa de cama mostrava ser de um profundo carmesim



durante o dia. As esculturas que entrelaçavam as colunas da cama retratavam a ursos perfeitamente detalhados.

Seus dedos deslizaram ao longo da figura esculpida de um urso. Suave e fresco, o urso estava de pé sobre suas patas traseiras e brigava com garras e boca com outro urso suntuosamente esculpido na madeira.

Mordeu seu lábio quando seus dedos se detiveram sobre as garras e as bocas encaixadas. Seu estômago se esticou e sua outra mão se estendeu sobre a tensa superfície. Que raro! Certamente seu estômago rugia devido à fome. Teria que esclarecer e alimentar sua rugente cintura.

Olhou fixamente à lã cinza pendurada sobre seu braço e em seguida jogou uma olhada ofegante à fina musselina estirada sobre o respaldo da cadeira. Que estúpida por desejar uma peça de roupa! Parecia como se nunca houvesse possuído um objeto tão fino. Mas ainda assim o vestido ainda parecia atirar-se á ela.

Queria levá-lo vestido, sentir o deslizar do tecido fino descendo por seu corpo. Seria tão suave e tão morno como o toque de seu amante? Ofegou e se afastou do vestido. Uma tolice era somente uma tolice.

— Bruno, está seguro que tinha a porta travada quando lhe pediu que viesse esta manhã? — perguntou Lorde Tremarctos, agitando-se em seu assento detrás de seu escritório.

— Sim, Sua graça. Ouvi os ferrolhos deslizarem. Não há nenhuma maneira em que meu ouvido pudesse me haver enganado.

Muito interessante. Franziu as sobrancelhas e o canto de seu lábio se curvou em sinal de concentração. Seus sementais estavam todos em tensão está manhã. A inquietação certamente vinha do aroma de uma mulher dentro das paredes de Tremarctos.

— Ainda assim, nada disto parece estar bem. Está, Bruno?

— Não, Sua graça.

Com a chuva torrencial, não partiria até que o mau clima cessasse.

— Se assegure de que todos meus sementais estejam no café da manhã. Não quero que nenhum permaneça ignorante de que é nossa visita. Ou que ela seja apanhada imprudentemente por um de nós. Se todos estivermos no mesmo ambiente as possibilidades serão muito mais remotas. Então poderei determinar o que é o que deve ser feito.

— Sim, Sua graça. Os informarei.



Lorde Tremarctos olhou Bruno fechar a porta de seu estúdio. Então fechou seu punho partindo a pluma que sustentava pela metade. Preferia que cravassem uma faca em suas vísceras por razões sensatas em lugar do temor que sentiu devido ao sonho de ontem à noite. Oscar. Seus dentes apertados. Não... Todos certamente queriam fodê-la. Inclusive se não era uma companheira, o aroma da inocência que liberava, inclusive afetava a ele. Por favor, que sua inquietação ficasse somente nisso. Seu punho se chocou com a escrivaninha com um forte ruído surdo.

Urso... Por favor, que se mantenha entorpecido. — Fechou seus olhos. — E deixe que seus filhos escolham uma companheira sem o caos que tinha permanecido nele toda sua vida.

Capítulo 03

Belo. Jane caminhou ao outro lado da soleira em um refeitório magnífico. À frente uma parede sustentava grandiosas janelas parcialmente cobertas por grossas cortinas negras. No centro da habitação, uma longa mesa de madeira negra com uma superfície lisa brilhante, rodeada por sólidas cadeiras estofadas de negro e cinza. Quase podia ver as visitas sentadas para jantar nessas grandes cadeiras em seus vestidos de festa. Rindo e bebendo vinho. Doce Mãe! A habitação brilhava com o brilho e a sofisticação do dinheiro.

Na habitação totalmente silenciosa, suas pantufas ressoaram do começo ao fim sobre o lustrado piso negro. Jogou novamente uma olhada a sua lã cinza e se encolheu. Estava desalinhada e mal arrumada em tal entorno. Jerome, que a acompanhava, puxou um assento para ela na metade da mesa. Ela sorriu e se sentou.

— Obrigada — sussurrou temerosa de violar a atmosfera tranqüila.

— O que comerá?

— Chá e algo doce. — Não, canela, se tiver.

Ainda podia cheirar o aroma de seu sonho.

— Senhora.

Foi ao aparador e trouxe um bule e uma xícara. Ela segurou o recipiente e verteu o líquido fumegante. Pondo o bule sobre a mesa, jogou uma olhada a seu colo. Minhas estrelas! A cadeira a fazia parecer delicada e ainda menor.



— Atua agora.

Uma voz profunda veio do homem no corredor, e seu olhar disparou à porta. Um homem grande e elegante se deteve na entrada para em seguida entrar na habitação com um ar de controle.

— Bem vinda a Tremarctos, senhora. — Segurou uma de suas mãos — Fique sentada. Sou Lorde Tremarctos, e estes são meus *verracos*¹.

O elegante homem de cabelo cinza apontou para a porta para os homens altos que entraram na habitação detrás dele. Todos possuíam algo do ancião. Verracos certamente fazia referência a seus filhos.

Verraco? A palavra parecia curiosamente familiar.

— O que é Tremarctos?

— Este lugar, é obvio! — Disse o que parecia ser o mais jovem enquanto se deslizava na cadeira junto à sua. — Devon Ursus ao seu serviço, senhora.

Seu cabelo loiro, penteado para trás, exibia ângulos surpreendentes que brilharam quando sorriu. Seus gelados olhos azuis a avaliaram como se olhassem diretamente para sua alma. Seu sangue ferveu com perversas sensações. Ele rompeu o contato com seu olhar, deixando um frio em seus ossos.

— E você é?

Jane saltou e se voltou para a voz que vinha de seu outro lado. Outro daqueles homens altos estava sentando e uma sensação de reconhecimento atravessou seu corpo.

— OH! Perdoe... Sou a senhorita Jane Milton.

O calor dos dois enormes corpos masculinos que a rodeavam enredava suas emoções. Embora desejasse que um deles a tocasse, ao mesmo tempo temia esse contato. Qualquer deles poderia esmagá-la como se fosse uma mosca.

— A senhorita Milton. Sou Mac e esse patife ali, — levantou sua mão e apontou a seu irmão que permanecia de pé contra a parede — é Martin, meu gêmeo.

Pareciam excepcionalmente iguais embora diferentes. Ambos tinham cabelo castanho escuro, grosso e ondulado, penteado por detrás de suas orelhas e que chegava aos ombros. Mas seus olhos, os de Mac eram de um verde duro, surpreendente intenso e os de Martin eram de um suave marrom claro, brilhavam com esse tipo de amabilidade em que podia perder-se.

1 - *Verraco: porco macho reprodutor (em espanhol original)*



Jerome se inclinou e pôs um prato com um pão-doce de canela açúcarada frente a ela. Ela olhou para cima e lhe sorriu. O aroma, tão delicioso, captou seus sentidos enquanto olhava a viçosa canela e lambia os lábios.

— Senhorita Milton, a última apresentação é de meu filho mais velho e herdeiro.

O tom do pai soava como uma repreensão.

— Senhorita. Sou Lorde Orin Arctos.

Estava de pé formalmente a um lado da mesa, se inclinou para ela e em seguida se sentou. Nunca a olhou realmente.

Martin se afastou da parede, capturando sua atenção. Com uma xícara pequena em sua mão, puxou a cadeira à frente dela e se sentou à mesa. Seu olhar se fixou nessa xícara. A mesma xícara que segurava em sua mão parecia pequena na sua. Afh. A taça parecia realmente pequena.

Que tipo de homens eram estes? Nunca tinha visto homens tão grandes e fortes. Jogou uma olhada para cima e o olhar de Martin tocou o seu brevemente. Uma descarga desceu por sua espinha dorsal. O que era isso? A mão que sustentava a xícara tremeu.

— Orin é um pouco formal, mas nada para temer. — cochichou Devon, interpretando mal a razão para o tremor de sua mão.

— OH! Claro. — Não podia arrancar seu olhar de Martin ao outro lado da mesa; suas sobrancelhas desceram sobre seus olhos enquanto a avaliava e o coração dela bateu tão forte no peito que juraria que seu palpitar se tornara visível. O que estava mal nela?

Desde ontem havia algo que estava mal com seu corpo. O olhar dos homens criava os efeitos mais surpreendentes sobre ela. Embora o ato de entregar sua inocência tivesse sido terrivelmente doloroso, seu corpo ansiava agora por coisas escandalosas e injustificadas. Tremeu. Talvez tivesse febre, embora se sentisse bem. Seus dedos tocaram brevemente sua testa e a encontrando fresca.

— Sente-se bem, senhorita Milton? — Os compridos e grossos dedos de Mac pressionaram seu antebraço.

Martin ficou de pé com uma pressa alarmante, sua cadeira caiu ruidosamente ao piso. Todos saltaram; seus olhares mordiam.

— Sente-se agora, verraco, e se comporte. — Disse o pai da cabeceira da mesa enquanto estudava sua faca com indiferença.

Minhas estrelas! Este tipo de ações era parte do comportamento habitual entre estes homens? O ar se tornou mais espesso com a tensão e a bochecha de Martin tremeu enquanto seu



olhar seguia fixo nas mãos de Mac, que ainda estavam sobre seu braço.

— Perdão, papai. — Martin inclinou sua cabeça — Tenho que partir.

— Muito bem. Se despeça.

O frio olhar de Lorde Tremarctos deslizou sobre Martin e logo se precipitou a Jane e se estreitou, fixando-se em Mac.

Mac se reclinou em sua cadeira, e os cantos de seus lábios se curvaram para cima. Deus querido! Não tinha experiência com irmãos. Será que todos os irmãos varões se olhavam desta maneira?

— Bom dia, senhorita. — Martin inclinou sua cabeça rapidamente e foi para a porta. Que coisa tão estranha! Tal hostilidade não lhe dava as boas-vindas. Não se sentia segura absolutamente. Tinha chegado o momento de partir.

— Senhoria, eu... lamento incomodar, mas...

Enquanto todos os verracos tinham seguido seu pai até o refeitório para a refeição matutina, Martin mal pôde conter sua raiva quando Mac se sentou ao lado de Jane na mesa. Martin manteve suas feições impávidas. O que tinha ocorrido tinha mudado isso.

Sua franqueza sobre seus sentimentos e as afetuosas emoções que saíram a ferveras dela para o homem do povo o sacudiu. Seria uma boa mãe e uma companheira excelente se pudesse conseguir que ela simplesmente o aceitasse. Tinha desejado muito mais dela ontem à noite, mal tinha escapado e fechado com ferrolho a porta antes que Mac subisse furioso pelo corredor, uivando por seu aroma.

Sempre brigavam por mulheres, e com o saudável apetite sexual dos Ursus, as brigas ocorriam freqüentemente. Martin aceitava os desafios, a luta. Em mais de uma forma desfrutava do prazer da adrenalina da briga. Mas, Jane não era nenhuma mulher pela que discutir. Era uma possível companheira para ele, não um mero alívio sexual e passaria inadvertido se Mac a desejava também.

Tinha se apoiado contra a parede no refeitório e sorvido seu espesso café negro enquanto observava a situação. Capturava seu formoso lábio inferior com seus dentes. Seu cabelo loiro caía jogado para trás de sua pele ligeiramente curtida. Era completamente embriagadora.

O que deviam lhe parecer todos eles! Cinco homens com a corpulência de bois, sentando-se em sólidas cadeiras que pareciam pequenas por seu tamanho físico. Quis mostrar-se a ela ontem à



noite, mas pôde conter a si mesmo de fazê-lo. Seu tamanho certamente a teria posto a gritar na noite. Assim tinha usado sua mente para impedi-la de vê-lo.

Ainda assim, ela notou seu aroma por aproximar-se muito. Maldição! Não importava quanto queria fazê-lo, não podia revelar suas intenções na frente de seus irmãos. Ela seguramente sairia correndo se lhe saíssem garras e não havia nada que quisesse mais do que ela ficasse... para toda a vida.

O que pensava dele? Seu olhar o tinha esquadrinhado quando Mac os apresentou. Quis entrar em sua mente como a noite anterior, mas sua família saberia no instante em que o fizesse, e não podia insinuar seu desejo. Não ainda.

Reprimir suas intenções ia contra cada lição que seu pai tinha inculcado nele. Ao fim seus instintos se manifestariam e sua família saberia. Mas, por agora, necessitava conhecimentos assim tinha se recostado e apreciado. Esperou para ver se um de seus irmãos desejava mais que uma simples conquista sexual.

Jerome tinha se inclinado e posto um cilindro de canela em frente dela e Martin sorriu. Ela o ansiava. Devon manifestou seu melhor sorriso e lhe deu uma piscada. Sim, Martin tinha uma oportunidade com ela. Ainda assim, Devon não tinha nenhuma idéia de que Martin já a tinha saboreado.

Orin se sentou finalmente, refletindo em seu usual estilo silencioso.

Martin tinha se afastado da parede e sentado em frente à Jane. Seu olhar tocou ao seu e os pelos de sua nuca se arrepiaram. Seria dele. Tinha que sê-lo. Seu instinto nunca se desencadeou tão forte por uma possível companheira. Havia fodido com várias, mas nunca desejou começar o ritual de emparelhamento do Orsse. Jane... Fazê-la sua era a idéia que estremecia seu cérebro.

Mac tinha se inclinado para ela; sua mão se aproximando passo a passo em direção ao braço de Jane. O sangue de Martin tinha golpeado através dele; apertando os dentes, seus músculos fizeram um grande esforço enquanto tratava de controlar a vontade de defendê-la.

Não permitiria que seu irmão a tocasse. Pertencia-lhe. Maldição! Tinha-a saboreado. Ela enchia cada fôlego que tomava. A mão de Mac atracou em seu antebraço e os músculos de Martin começaram a mover-se. Sua cadeira tinha arrastado ruidosamente ao piso a uma velocidade alarmante. Mal tinha escondido um assobio furioso enquanto o atravessava com o olhar.

— Sente-se agora, verraco e se comporte. — Disse seu pai da cabeceira enquanto fingia estudar sua faca.



Martin não podia manter sua raiva controlada. Cada fio que segurou tirante tremeu.

— Perdão, papai. — Sua voz mais grave e vacilante pela raiva — Tenho que partir.

— Muito bem. Se despeça.

Recupera seu controle, Martin e se despeça com graça.

É obvio, seu pai o avaliaria.

O sereno olhar azul de seu pai tinha deslizado sobre Martin e avaliando a situação em uma só olhada. Logo os olhos de seu pai se fixaram em Jane e se entrecerraram. Que problemas causara! Ou Martin ou Mac teriam que deixar a casa, senão um novo desastre como o que seu pai tinha iniciado com tio Oscar voltaria ao ponto de partida.

Mac se reclinou então, os cantos de seus lábios curvando-se, burlando-se dele. Maldito! Martin queria saltar por cima da mesa e jogá-lo no piso. Se a tocasse outra vez de qualquer forma, o mataria.

Capítulo 04

Devon saiu junto com Jane do refeitório.

— Meus irmãos são um pouco ásperos, mas todos são amáveis.

Ela inclinou a cabeça para cima para avaliar seus olhos. Um desdenhoso caráter brincalhão girava sobre ele. Parecia o mais calmo dos irmãos. Seus músculos relaxaram. Não se sentia tão assustada estando a sós em sua presença como ficava quando estava rodeada por todos os irmãos.

— Dormiu bem? A tormenta, quer dizer, foi algo grande, não?

— OH! Muito bem. Despertei poucas vezes, mas brevemente.

Sob nenhuma circunstância contaria seus sonhos a ele ou a alguém. Tomariam por uma simplória e em seguida por uma libertina. O primeiro podia ser verdade, mas o segundo... A lembrança da figura escura ajoelhada entre suas pernas ontem à noite retornou. Seu rosto ruborizou com o calor e mordeu o lábio. Perversos, perversos pensamentos. Possivelmente fosse mesmo uma libertina. Retornou sua atenção para Devon.

Assentiu com a cabeça.

— Somos todos muito noturnos. É raro ter a todos reunidos para a refeição matutina.



— OH! Sinto muito. Espero que não os tenham tirado da cama por mim.

— Imagino que fomos. Mas, todos nós intuíamos sua presença de todo modo. Penso que meu pai queria ver se algum de nós gostava de você. —Sorriu, e o caráter brincalhão acendeu sua cara.

Quase não podia conter a risada tola borbulhando até sua garganta, e levantou as sobrancelhas.

— Uma idéia bastante inconseqüente. Não sou de sua classe social.

Viraram uma esquina pelo corredor principal. Mãe querida! Apenas lhe chegava ao peito. Deu uma olhada ao casaco sob medida e caro, e como o tecido ficava esticado com cada respiração. Grande e arrumado. Não podia imaginar a nenhum deles fixando-se em alguém como ela.

— A classe social não importa muito nesta família. Os instintos, esse é o que nos faz escolher. Controlam nossas vidas. Pai é firme nisso. E nenhum de nós escolheu a uma companheira para passar nossa vida.

Seu rosto se acendeu ante esse escandaloso bate-papo informal.

— Senhor, não deveria ser tão informal comigo.

Ele a olhou e seu sorriso se fez mais largo.

— Ah, bem, isso é certo, mas não direi nada se você não o fizer.

Suas longas pestanas desceram sobre seus olhos e a forma da pálpebra mudou.

O que? Ficou tensa e piscou para limpar sua visão. — OH, minhas estrelas!— Então olhou fixamente seus olhos quando as pestanas se abriram.

O que estava mal nela? Este homem era só um homem. Era uma loucura. Os olhos de ninguém trocavam de forma.

— Está bem, senhorita Milton? Ficou totalmente pálida.

— Eu —.... O que digo?—Penso que poderia estar me ocorrendo algo. Minha visão tenta me enganar.

Parou e se voltou para ela, seus olhos azuis muito abertos e um gesto de preocupação em sua cara.

— De que maneira? O que viu? — Seu lábio se curvou em um aberto sorriso, e seus olhos mudaram para pálidos ovais de vidro azul a um azul redondo e forte.

Ela deu um salto e retrocedeu afastando-se dele. Mãe querida! Os calafrios escalaram por



sua espinha dorsal.

— O que... O que é você? — O pelo de sua nuca se arrepiou enquanto seu corpo inteiro tremia de comoção e medo.

Seu sorriso se tornou enganoso.

— Oh! Que pergunta rara para fazer a seu anfitrião! É obvio, sou Devon Ursus, o filhotinho mais jovem do clã Tremarctos — Seus olhos cintilaram e saltaram e o olhar humano azul claro retornou.

— Você... Você... — Sua mão se elevou e apontou seus olhos com o dedo. — Não é humano. O que é?

Seus lábios tremeram e retrocedeu outro passo, incapaz de manter seu olhar por medo que a apanhasse.

— Ah! Aí é onde está enganada, senhorita Milton. Sou humano, somente que mais.

Ela girou e correu. Tinha que sair dessa casa. Não tinha nenhum desejo de saber o que implicava esse mais. Desde sua chegada tinham ocorrido muitas coisas estranhas. Esta casa estava possuída pelo mal, uma casa de bruxa, uma casa do diabo.

Encontraria seu caminho para casa; não importava se alcançava a morte fazendo-o. Não pertencia a este lugar. Acelerou seus passos enquanto descia correndo pelo corredor, a risada de Devon ressonando à distância atrás dela.

— Senhorita Milton, não a machucarei. Somente queria que você soubesse.

Empurrou a grande porta principal para abri-la. A chuva continuava caindo torrencialmente. Ela tremeu quando o ar úmido perpassou a lã de seu vestido, esfriando o suor que tinha acumulado sobre sua pele. Jogou uma olhada ao lado da porta. Tinha que ter um casaco, uma manta, um chapéu, algo que pudesse usar para proteger-se da chuva. Nada.

Deu uma olhada por cima de seu ombro para ver Devon a só alguns metros.

— Senhorita Milton, por favor, não seja tola. Morrerá se sair com este tempo.

Saiu correndo em meio da chuva torrencial. Tinha que retornar a sua casa e ver sua mãe, saber que o que acabava de presenciar residia somente em sua mente. Não deixava de ser tolo que estar mal da cabeça resultasse atraente para ela, só... Bem, a loucura parecia melhor que acreditar que algo assim pudesse existir. Isso acaso estava mal?

A chuva se filtrou por seu vestido de lã no mesmo momento em que desceu correndo pelo caminho escorregadio que chegava a casa. Seus pés a levaram tão rapidamente como podiam com



suas pantufas afundando no barro grosso. O último que precisava era perder suas pantufas nesse lodo! Encolheu os dedos de seus pés, tratando de assegurar que os sapatos ficassem enquanto continuava seu passo acelerado fora de Tremarctos.

Árvores grossas ladeavam o caminho. Entretanto, não tinha idéia de onde a levaria esse caminho. Sua cabeça deu voltas e sua visão ficou confusa. Deteve-se para se acalmar. Um pranto angustiado a atravessou.

Não vá. Aonde vai? Pare!

As árvores mudaram de lugar diante dela, se movendo lentamente pouco a pouco. Seus olhos se abriram. Ficou frenética! Cambaleou, a terra se curvou debaixo de seus pés como se o bosque se fechasse em círculo frente a ela. Levou suas mãos aos olhos e os esfregou. O bosque tinha se fechado em um círculo! Apertou as pálpebras e agitou a cabeça; gotas de chuva voaram de seus cabelos.

Passadas palpitantes fizeram tremer a terra e vibraram através dela. Mãe querida! Vinham atrás dela. Precipitou-se ao grosso arvoredo que agora cobria o caminho. Os ramos eram tão grossos que mal conseguia movê-los enquanto tratava de abrir caminho na espessura. Seu braço se enganchou em um ramo. Puxou, e o tecido de seu vestido se rompeu; a sarça raspou sua pele. Ai! Queria gritar pela dor, mas apertou os dentes e gemeu uma vez. Tinha que entrar mais profundamente e esconder-se fora da vista do caminho. Não havia espaço para girar. Os ramos serpenteavam e se enroscavam em uma malha grossa, a impedindo de avançar.

Desabou debaixo de um ramo grande, incapaz de empurrar contra a sarça. Nunca chegaria a casa! Seu corpo tremeu e cobriu o rosto com as mãos. A umidade de seu vestido de lã esfriou sua pele e seus dentes tocaram castanholas.

Volta! Maldição! Não tenha medo.

Parte, maldita voz! Cobrindo suas orelhas com as mãos, se escondeu atrás do tronco da árvore e fora da vista do caminho. Encontraria proteção em algum lugar esta noite! As passadas palpitantes deixaram de pulsar em um estrépito descuidado de barro. Um forte bufo de relincho perfurou o som da chuva além de seu ombro e a fez saltar.

—Maldição, mulher!

Vinha do caminho atrás dela. Essa voz que tinha escutado em sua cabeça; recordado de seu sonho. Tinha sido um sonho, ou não? O homem de seu sonho escandaloso estava no caminho! Precisava olhar e saber de quem era a voz, mãos e língua de quem a tinha acariciado tão



agradavelmente. Sua cabeça girou sem pensar realmente e jogou uma olhada através dos ramos ao cavaleiro no caminho.

Um dos gêmeos se sentava escarranchado sobre um cavalo de corrida e olhava fixamente à espessura que cobria o caminho.

Que visão tão hipnótica! Empapado, o cavalo soou a névoa de seu nariz. O vapor girou ao redor de seu corpo quando pisoteou salpicando barro por toda parte. A chuva caía em correntes do sobretudo e chapéu do cavaleiro. Seus ombros largos e cheios de músculos dirigiram os grandes arreios com facilidade. Seu coração pulsou com força e seus mamilos se endureceram. Sua beleza e confiança irradiavam energia. Ofegou. Tinha sido uma parva. Era uma besta. Seus olhos se abriram quando o olhar do cavaleiro se cravou no seu enquanto desmontava.

Você não está zangada, Jane. Embora às vezes, penso que as coisas poderiam ser mais fáceis se não existíssemos, nós existimos. Por favor, não fuja de mim. Deixe te explicar o que somos.

Ficou de pé, mas antes que pudesse dar um passo para afastar-se dele braços grandes a envolveram e a tiraram do arbusto.

Enroscou-se e se retorceu em seus braços, mas em vão. Com a facilidade de alguém segurando uma pluma a segurou em seus abraços. Seu corpo sobre ela, esfregando seu braço contra seu ventre e seus flancos, esquentando sua pele fria pela chuva. OH! Seu corpo desejava este homem! Sua respiração se converteu no som laborioso que recordava de seu sonho. Como podia ser assim? Foi somente um sonho, mas seu corpo sabia e ansiava seu tato sedoso sobre sua pele nua.

— Fica quieta, maldição. — A calidez de sua respiração esquentou a pele sobre seu pescoço.

— Então me solte. — Aspirou e tratou de acalmar a intensa excitação sexual que bombeava através dela. O aroma de canela alagava seus sentidos e a umidade alagou seu sexo. Gemeu.

— Jane... — Apertou-a mais forte contra seu corpo. Através de seu sobretudo, sua gigantesca ereção pressionava contra seu traseiro e costas. Lutou, incapaz de controlar seu corpo enquanto seu sexo pulsava. Esfregando seu traseiro contra a grande protuberância, ansiava que seu pênis a enchesse. Estava predestinada a converter-se em uma libertina.

— Me solte! — Sua voz não tinha firmeza. Amaldiçoou.

Ele retrocedeu para seu cavalo, os músculos tremendo sobre ela.

— Não permitirei que se afogue nem que morra aqui.

Grunhiu quando a pôs em frente da cadeira de montar e montou atrás dela em um



movimento tão rápido que não teve tempo de deslizar para o chão.

Droga! Aonde pensava levá-la? Não tinha idéia em que direção estaria Sudhamly. Mas onde planejava levá-la? Não de retorno a essa casa. Se pudesse tratá-la como uma peça de luxúria, os cinco juntos podiam esmagá-la. Que idéia terrível! Mas este homem somente...

— Aonde me leva, senhor?

— Estou te levando para casa.

— Casa?

— Efetivamente, retornamos para Tremarctos.

— Essa não é minha casa, senhor. Se for me levar a algum lugar, por favor me leve a Sudhamly.

Seu quente fôlego morno fez cócegas em sua orelha.

— Não tenho nenhuma intenção de te deixar ir a nenhum outro lugar.

Seu corpo respondeu a essas palavras traiçoeiramente, tremendo fortemente com ânsia; a emoção a assustou. Seu coração acelerou e o calor endureceu ao máximo seus mamilos. Ele a desejava com tal convicção. O desejo e o amor com Jonathan empalideceram na comparação. A paixão da voz deste homem, de seu corpo quando a tocou, abordou sua alma. Era muito ingênua para saber que tal desejo existia no mundo.

A ponta de seu sexo esquentou seu traseiro através do vestido e se retorceu em seu colo, extraindo um gemido do profundo de seu peito.

Efetivamente, a paixão era carnal. Não podia esperar algo mais. Se retornasse a Tremarctos, este homem lhe faria somente uma coisa. O ato. Não pararia até que se unissem completamente. A carne de seu sexo ardia; a lembrança de sua língua deslizando ao longo de seu sexo a embargou novamente.

Seu calor irradiou ao longo de seu corpo e tremeu, escondendo o rosto em seu casaco para proteger-se da chuva e se aproximar mais a seu calor, a seu aroma embriagador. Sua cabeça se apoiava na sua. Seus braços a rodeavam enquanto permanecia sentada sobre seu colo, balançando-se ao ritmo dos cascos do cavalo. Protegia-a da chuva.

Seu coração pulsava debaixo de sua orelha, o ritmo acalmava seu corpo e aliviava seu próprio coração que pulsava rapidamente. Como podia sentir-se tão bem com o abraço deste homem? Prometer tanto? Faria certamente o que Jonathan fez: deitar-se-ia com ela e logo ir-se-ia! Nenhum homem sabendo, voluntariamente, seu uniria a uma mulher perdida. Uma mulher que



podia estar grávida do filho de outro. E isso sem falar de sua loucura.

Inclinando sua cabeça para cima, tratou de ver seus olhos. Qual dos gêmeos a levava? Crua determinação e preocupação gravavam suas feições. Suas maçãs do rosto eram todo ângulo, seu queixo com covinhas uma amostra de severa masculinidade. Era duramente arrumado, muito mais que qualquer outro que tivesse conhecido. E, entretanto, era somente um homem. Ou era um pouco mais, como havia dito Devon. Mais? Ele desejava retê-la desesperadamente. Sua intensidade a assustava ainda mais e agitava suas esperanças. Nunca tinha experimentado o desejo tão monopolizador de um homem. Tinha que conhecer suas intenções.

— Que... O que me passará se voltar contigo?

Não respondeu e esporeou o cavalo a um galope. Tremarctos era visível fora de um manto de neblina e ela fechou seus olhos quando sentiu sua cabeça girar.

— Por favor, não me devolva a esse lugar. Assusta-me.

Não há escolha. Tremarctos é minha casa.

Deteve seus arreios frente à porta principal. Um cavaliço apareceu e agarrou as rédeas. Sustentando-a firmemente, o gêmeo balançou sua perna esquerda e deslizou ao chão sem soltá-la em nenhum momento. Subiu a pernas até acima dos degraus e abriu a porta.

— Maldita mulher tola. — Devon se aproximou a pernas para eles e logo os acompanhou enquanto percorriam o corredor. — Terminará se matando.

Um assobio violento de advertência chegou das profundezas do peito do gêmeo que a levava e seus músculos se apertaram possessivamente sobre ela.

— Se tranquilize Martin. Não estou aqui para desafiá-lo e você sabe. Fui eu quem lhe deu o susto que a fez escapar. Quero me assegurar de que esteja bem.

Os músculos no corpo de Martin relaxaram, mas não afrouxaram seu abraço possessivo. Martin! O dos olhos de veludo.

— Me desculpe Devon. Não posso controlá-lo.

— Sei, nunca poderia. Simplesmente deixa-o fluir. Pai quer vê-lo. Disse que quando chegasse fosse ao seu estúdio imediatamente. Penso que está assustado do que você e Mac farão. Todos nós sentimos que usava sua mente. Era forte. Nada que tivéssemos experimentado antes.

Martin lançou um grunhido.

Ele e Mac? O que significava isso? Mac a havia tocado na mesa esta manhã e Martin se tinha arrebatado de sua cadeira.



Sua presença nesta casa causaria uma briga de família? Interpor-se-ia entre dois irmãos? Não podia admitir isso. A família era o mais importante. Revirou os olhos. Sua própria família! Devia notificar a seus pais sobre seu paradeiro. Mas com a chuva, como receberiam qualquer nota que escrevesse?

— Martin?

Lançou um grunhido enquanto subia as escadas de três degraus de uma vez.

—Desejo que minha família saiba que estou bem e onde podem me encontrar. Isso é possível?

Agitou sua cabeça, mas não disse uma palavra.

Caralho! Mamãe e Papai estariam doentes de preocupação neste momento. Se ela somente tivesse pensado neles antes de tudo isto!

Com seu ombro, empurrou a porta para abri-la e a levou na mesma acomodação em que tinha ficado a noite anterior.

— Martin, tenho que saber mais quanto a... Não posso ficar aqui sem saber o que acontece nesta casa. Assusta-me.

Seu corpo inteiro ficou tenso e o ar saiu sibilante entre seus dentes.

— Direi isso... Tem que saber, só que não ainda. O que Devon te mostrou é suficiente no momento. Somos diferentes, todos nós. Devon tem o melhor controle sobre o que é e lhe mostrou isso facilmente com sua vontade. O resto de nós não pode fazê-lo desse modo.

— Mas, mas e você, Martin? Tudo isto é muito estranho e não saber o que é você... Turva-me.

Assentiu com a cabeça laconicamente.

— Vai saber.

Deixou-a sobre a grande cama e a olhou com olhos ardentes.

— Tranca todas as fechaduras. Enviarei Jerome e Bruno com água quente para que se lave — seu olhar se fixou no vestido que levava e franziu o cenho — Por favor, ponha o vestido que deixei para você.

Ela ofegou.

— Deixou esse vestido para mim? Como o fez?

Olhou-a com desejo e seus joelhos se agitaram. Recordando o presente que lhe deu a noite anterior, estremeceu. Era real. O homem que lhe deu essa sorte era real.



Seus lábios se apertaram em uma linha séria; não queria nada mais que beijá-los. Sua língua deslizou e molhou seus lábios em um convite flagrante. Ele não se moveu. Suas sobrancelhas se elevaram. Por quê? Não sabia como continuar isto ou em que tentava meter-se. Mas, neste momento em tudo o que podia pensar era em seus lábios firmes que se deslocavam ao longo dos seus enquanto saboreava seu calor. Teria sabor de canela igual ela o cheirava? Esquadrinhou seu rosto; o calor queimava sua pele. Seu olhar permaneceu preso em seus lábios.

— Martin?

— Se te tocar neste momento, Jane.... —Gemeu e mudou sua postura.— Não poderia tirar as mãos de cima de você.

Assentiu com a cabeça, girou e saiu a pernas da habitação, a água que gotejava de seu sobretudo foi deixando um rastro no piso de madeira.

Doce Mãe! Virtualmente tinha se atirado sobre ele. Que bem fazia fechar com ferrolho a porta quando dispunha desse efeito sobre ela? Além disso, inclusive com todos eles fechados, tinha entrado ontem à noite.

Recostou-se sobre os travesseiros, olhando fixamente a porta fechada e tremeu. Ele disse que todos estavam dotados de poderes diferentes. Isso queria dizer que somente ele possuía a habilidade de abrir portas? Bem, os ferrolhos então certamente serviriam de algo. Ficou de pé e fechou cada um deles.

Capítulo 05

A excitação queimava a pele de Martin; não podia deixá-la partir. Se ao menos não se tivesse retorcido tanto quando a apanhou; cada esfregação contra seu corpo o tinha empurrado para cada vez mais perto do início do ritual de emparelhamento do Orsse. O aceitaria? Tinha chegado a Tremarctos porque quis e tinha se entregado a outro. Se Orsse comesse e ela negasse a seu corpo a possibilidade de aliviar-se de algo tão poderoso... A dor destroçou sua virilha e seus olhos se fecharam fortemente.

A convenceria. Não era indiferente a ele. O aroma de sua excitação sexual enquanto a tinha em seus braços não podia ser fingida. Entretanto, queria mais que o acesso a seu corpo, queria sua mente e alma.



Tirou as grossas luvas de couro enquanto avançava a pernasas pelo corredor para o estúdio de seu pai. Onde diabo estava Mac? O pelo de sua nuca se arrepiou ante sua agitação.

Mac saberia como se sentia realmente Jane sobre ele, sobretudo. Sua habilidade de ler as emoções superava a todos os membros da família. Infelizmente Mac nunca pôde ler ao Martin. Desejava neste momento que Mac pudesse lê-lo. Se Mac soubesse que seu interesse envolvia mais que uma conquista, poderia claudicar. Ou gozaria dele.

Entrou no escritório de seu pai e fechou a grossa porta de madeira. Mais de um grito se tinha escutado nesta habitação e essa porta, de grosso carvalho como era nunca deteve nenhum deles. Todos na família sabiam sempre o que ocorria nesta habitação.

— Sente-se, Martin.

Seu pai o olhou fixamente detrás de seu grande escritório de madeira, seu asilo; seu rosto estava pálido e contraído pela preocupação.

— Papai.

Acomodou-se na diminuta cadeira de madeira frente a ele.

— Está bem?

Seu pai o olhou de cima abaixo sob suas pestanas e franziu o cenho.

— Muito bem.

Preocupava-se com seu bem-estar? Algo não estava bem. Seu intestino se enroscou com inquietação.

— Você não a tocou, ou sim? — O punho apertado de seu pai fez que seus nódulos se tornassem brancos.

— Desculpa?

Por que diabo se importava se a havia tocado? Não tinha nenhuma pinga de controle a respeito e seu pai sabia perfeitamente.

— Seu irmão disse que é uma possível companheira.

— Mac?

Onde diabo estava? Martin se moveu na pequena cadeira de madeira. Sempre se sentia como um menino sentado ali, mas isto não tinha a ver com algum castigo da infância. Este era seu futuro, sua felicidade.

Seu pai ficou de pé e se moveu de um lado a outro junto às prateleiras atrás do escritório. A energia que saía a ferveras dele obscureceu. O sangue de Martin trocou, seus olhos se deslizaram



devagar do marrom claro a carmesim. Isto não era bom.

Seu pai retornou para ele.

— Devon.

Devon... O sangue de Martín desencadeou através de suas orelhas. Devon lhe tinha mentido. Não... Nenhuma das ações de Devon traía algum efeito que Jane pudesse lhe infligir. Embora realmente Devon tivesse um controle assombroso de seus instintos, sua natureza.

Martin apertou os dentes.

— A senhorita Milton é uma companheira possível para Devon?

Suas garras apareceram lentamente pelo dorso de suas mãos.

— Controle-se, Martin.

Seu pai retornou para o escritório e apoiou as palmas sobre a superfície de madeira inclinando-se para Martin.

— Devon intuiu que a senhorita Milton era uma companheira para você... E Mac.

Aonde queria chegar com esta conversa? Sabia. Tinha que retornar para Jane. Desejava poder entrar na mente de seu pai e acelerar isto. Tinha tentado várias vezes quando era jovem, só para ser bloqueado em um instante e obstaculizado.

— Por que queria saber se a toquei?

A oposição fez ranger o ar entre eles. Não gostaria da resposta. Seus músculos travaram e conteve a respiração em um intento de acalmar-se. O som da chuva, o aroma de umidade e de musgo nos bosques. Maldição. Os elementos tranquilizadores o estavam reprovando. Não queria trocar. Se o fizesse, voltar para sua posição original poderia tomar horas e precisava convencer Jane a aceitá-lo.

— Você não a tocará. — Disse seu pai tranquilamente, seu olhar cansado fixo nele.— Será retirada desta casa tão logo a chuva se dissipe. Não permitirei que uma mulher se interponha entre esta família. Não permitirei que esta família reviva meus enganos.

Desejava que Martin desse a volta e se afastasse dela? Os olhos de Martin se abriram pela comoção. Não podia. Tinha usado toda sua fonte de fortaleza, todo o poder de sua mente para trocar de lugar a terra e impedi-la de partir. Não tinha sido uma tarefa fácil. Seu pai indubitavelmente sentiu esse puxão de energia. Seu pai não era ingênuo neste tema. Não tinha aprendido nada de seu próprio engano?

— Se você tivesse resistido... Se você possuísse a habilidade de resistir, nenhum de nós



existiria — Vaiou Martin com os punhos apertados até o ponto da dor, as garras estendidas completamente através do osso de seus nódulos.

— Controle-se, Martin!

Não podia controlar isto; nenhum deles podia realmente. Fechou seus olhos. A chuva, a água caía em fortes correntes, o aroma de lavanda no verão. Seus olhos se abriram novamente, nebulosos. Trocava à forma dos Ursus. Maldição! A raiva queimou cada um de seus poros como o fogo a erva de outono, aos poderes e as emoções acesas através de suas veias. Sua altura e respiração cresceram; suas presas se desenvolveram em afiadas pontas.

Seu pai se sentou em sua cadeira e suspirou.

— Vejo que seus instintos são tão fortes como meus, meu filhote. Seja sábio com eles, Martin e se encerre profundamente nesta casa. Porque se enfrentar-se com seu irmão poderia lamentá-lo.

— E Mac? Deu-lhe este discurso? Ou está me dizendo que o deixe tê-la? — Sua voz era um rugido a seus ouvidos. Levantou violentamente de sua cadeira e elevou-se sobre seu pai em toda sua altura Ursus.

Os olhos de seu pai brilharam e seu punho se chocou com o escritório.

— Você não me mostre seus dentes, filhote. Não sou competidor para sua companheira. Estou olhando pelo bem desta família. Não será um de nós.

— Não! — Martin estendeu a mão ao outro lado do escritório e agarrou seu pai pelo lenço de seu pescoço, levantando-o de seu assento e sustentando-o no ar. — Está tratando de se intrometer nos instintos sobre os quais não tenho nenhum controle, os desejos mais velhos que o tempo. Algo no que nos disse que sempre confiássemos e obedecêssemos.

Seu pai se libertou de suas garras. O linho sobre seu pescoço estava amassado e rasgado; olhou Martin.

— O encerrarei sob chave, Martin. Se não puder se afastar dela, farei eu.

— Tenta.

Seu pai nunca tinha sido capaz de igualar sua força. Afastou-se de seu pai. O que aconteceu com tudo o que nos ensinou? Ironizou enojado pelo que vinha da boca de seu pai. Agradecia à divindade que sua mãe já não vivia para ver isto. Seu coração se romperia de saber que seu pai lamentava havê-la escolhido. Pareciam felizes.

Jogou uma olhada a seu pai, que estava de pé arrumando seu lenço em seu pescoço.



— Você não estava transbordante de alegria com sua escolha de uma companheira? — perguntou Martin.

Os olhos azuis de seu pai se entrecerraram de cólera.

— Detém sua língua. Sua mãe centrou meu mundo. O que lamento é que briguei e matei ao meu irmão para apanhá-la.

Martin estremeceu ante a dor na voz de seu pai. Conhecia a história; a família inteira o fazia, embora seu pai nunca falasse disso. Que seu pai pensasse que tinha tido algum controle sobre o que aconteceu a seu irmão ou o que aconteceria a seus filhos assombrou Martin. Alguma vez aprenderia? Quanto mais algum deles lutava contra os poderes, pior era o resultado.

Esse resultado tinha passado a seu pai. Tinha negado seus sentimentos por sua mãe devido ao que sentia seu irmão. Então Orsse tinha começado e seus instintos tinham dominado sua vontade. Tinha brigado com seu irmão para casar-se com ela. Ela não teve nenhuma escolha exceto aceitar a seu pai; isso, ou sofrer a dor incrível de perder um não enraizado Ursus de seu útero preparado e destruí-lo, ser excluída de sua sociedade.

Sua falta de escolha era o que incomodava Martin. Seu pai poderia ter evitado isso. Se tivesse mostrado seu interesse por sua mãe, poderia ter decidido.

Não poria Jane nessa posição. Seria maldito se enterrasse suas poderosas emoções. Não sabia se era capaz de fazê-lo. Como tinha agüentado seu pai até o ponto do Orsse sem que sua mãe soubesse era algo que não podia compreender.

— Não permitirei que me feche para tratar de controlar as ações que você não pôde controlar. Onde está Mac?

— Não sei. — A voz de seu pai era um sussurro.

Deu meia volta para olhar para seu pai. Seu rosto estava pálido, as rugas sob seus olhos eram mais profundas que no dia anterior. O medo gravado no gesto de seus lábios. O terror de perder um de seus filhos o fazia agir assim.

Martin assentiu com a cabeça.

— Se descobrir onde está Mac, pai, deixa-o tranqüilo. Deixa que os poderes trabalhem nisto.

Avançou a pernas para a porta e a abriu antes que seu pai pudesse dizer mais. Caminhando pelo corredor se dirigiu diretamente para Devon.

Devon saltou para trás.

— Inferno maldito, Martin! Matou-o?



Martin avançou empurrando-o e continuou pelo corredor abaixo. Tinha que retornar e rapidamente.

— Não, matar seu progenitor é considerado falta de educação. Não é que a idéia não tenha cruzado por minha mente.

Agitou a cabeça em um intento de voltar para a normalidade. Maldição! O calor e as emoções machucavam seus olhos e provocavam uma dor constante em seu corpo por liberar-se... Por Jane.

Lançou um olhar rápido ao Devon que caminhava rapidamente a seu lado.

— Devon, viu Mac?

— Não desde o café da manhã. Foi totalmente sacudido por suas ações e odeio dizer que um pouco intrigado.

Devon correu para manter seu passo enquanto se dirigia à ala familiar da casa.

— Efetivamente. Não serei visto outra vez até que isto tenha terminado. Por favor, vigia à senhorita Milton.

Devon se interpôs em seu caminho e Martin o esquivou, querendo chegar a seu quarto e fazer tudo o que pudesse para solucionar o apuro pelo qual todos estavam passando.

— Martin, não quer tê-la? Uni-la a nós? — Gritou Devon a suas costas.

— Não há dúvida. Unir-se-á a nós. — Grunhiu.

Mas com quem?

Jane não podia dormir.

Seus nervos estavam tensos e seu estômago em um nó. O terror desta noite a mantinha cativa em sua mente. Mas do que tinha medo? Desta casa, com certeza. Mas certamente de algo mais também, o intenso desejo por este homem estranho quando somente há um dia teria se casado com outro. Era uma mulher tão perversa? Jonathan esteve em seus pensamentos de uma forma ou outra durante o ano anterior. Agora Martin consumia suas idéias. Doce Mãe! Estava perplexa.

Quando Martin a abraçou e protegeu da chuva hoje tinha intuído algo completamente diferente para sua vida. Uma vida repleta de ser apreciada e desejada além de qualquer capacidade imaginável. Mas o que era Martin? O que era esta família? Havia dito que não devia ter medo dele. Não acreditou que quisesse machucá-la; já o teria feito se quisesse fazê-lo.



Virou de lado e olhou como os rescaldos faiscavam contra a grade da chaminé. A chuva a acalentava como uma carícia enquanto caía contra a janela; normalmente a teria feito dormir em um momento. E esta cama, em qualquer outro momento em sua vida a teria feito vagar em um sonho profundo em segundos ante tal comodidade.

Queria que Martin viesse. Se somente pudesse pôr em sua mente sua disponibilidade e sua permissão. Ou o que? Esperar? Que idéia tão terrível! Martin tinha falado com ela em sua mente. Podia fazer o mesmo? Se o chamasse...

Martin venha.

Riu bobamente. Que absurdo...

O vento no exterior continuava, um grunhido e um uivo chegou de algum lugar da casa. Contou as fechaduras sobre a porta. Os oito estavam com chave. Fechou seus olhos e estalaram imagens de Martin sobre ela. O veludo suave de seu tato acariciava cada polegada de seu corpo. Seu membro movendo-se em seu interior até fazê-la gritar, canela enchendo seu nariz até que não podia farejar a nada exceto a ele. Seu corpo estremeceu e apertou os lençóis contra seu corpo em um intento de encontrar o calor que seu corpo a tinha provido na noite anterior.

Posso farejar sua excitação sexual do outro lado da casa, pôde escutar em seus ouvidos. Receber-me-ia se fosse até você?

O líquido cobriu seu sexo ante suas palavras. Fechou os olhos fortemente. Não deveria desejar isto. Deveria ser racional. Mas, Martin. Queria-o.

Venha Martin.

Seu corpo queria a este homem além da razão. Queria este homem! Seus membros tremeram.

Um grunhido chegou da direção da porta e seu corpo tremeu.

Sniff, Sniff. Você me deseja.

Seus mamilos se endureceram enquanto o calor, mais quente que qualquer manta ou fogueira, deslizou sobre ela, possuindo seu coração e alma. A umidade deslizou por seu ventre quando a suave seda subiu a seus mamilos e logo até acima de seu pescoço. Como fez isso? Não se atreveu a abrir seus olhos. Não podia; não queria ver a besta de olhos vermelhos que tinha vislumbrado ontem à noite.

Seu morno fôlego em sua orelha. *A farei sentir o que nunca antes sentiu.*

— Sim...



Seu sexo se apertou quando pronunciou a palavra e mais umidade se derramou a seus cachos, a suas coxas. Estava frenética! Não sabia o que era e desejava este ato com ele. Queria-o de uma maneira que desafiava tudo o que conhecia. Seu coração doía por ele. Seu corpo. Não poderia rechaçá-lo embora tentasse. Exigia suas emoções, seus pensamentos.

Grunhiu e seus dentes arranharam a carne de seu pescoço, subindo por sua pele enquanto deslizava sua língua úmida sobre ela.

Estendeu suas mãos para tocá-lo e se detiveram no ar, insegura do que encontraria debaixo de seu tato.

Toque-me exigiu profundo e rouco. Suas mãos conectaram com sua cabeça e seus dedos se deslizaram em seu cabelo sedoso. Leves mechas se desdobraram em leque fazendo cócegas a sua carne.

Sua cabeça se moveu sob suas mãos quando sua boca se fechou fortemente sobre seu mamilo, rodeando-o com a língua, mordiscando-a ligeiramente e chupando-a. Seus quadris se arquearam contra seu estômago e seu calor molhou sua camisa quando o algodão se apegou à carne entre suas coxas.

— OH! Martin.

Suas mãos deslizaram na suave e nua pele de suas costas, tão suave, tão lisa, como fina seda. Seus músculos tencionaram debaixo de seu tato e sua mão puxou sua camisa até que o objeto formou um atoleiro em cima de seu peito. Pele para arranhar, seus corpos ardendo. Suas pernas separando-se para embalá-lo enquanto sua boca caía de novo sobre seu peito, chupando os duros botões.

Mãe querida! Este ato ultrapassava o da noite anterior. Suas mãos deslizaram para seus quadris, cravando-a ao colchão com seu peso e seus pulmões se travaram. O roçar de veludo de seus dedos a acariciou e se adiantou a seu montículo, inclinando seu sexo para apoiá-lo contra seu abdômen. O roçar, os pelos frisados roçando sua carne, esticaram cada músculo de seu corpo. Sua mente se concentrou nesse lugar onde se tocavam tão intimamente. Balançou seus quadris de um lado a outro contra ele. Cada movimento incrementando o deleite de seu tato.

Jane, Jane, seu sangue bombeia através de mim. Jane. Ele se moveu a um lado e deslizou um dedo na carne escorregadia entre suas coxas. Ela gritou e ele capturou sua boca. Sua língua envolveu a sua, atirando e chupando. OH! Tinha sabor de canela, mas havia uma pitada de algo mais. Uma escuridão, um ardor animal e possessividade, gostava de saborear algo tão indecente e



tão intenso, simplesmente tinha que ter mais. Gemeu e se arqueou contra sua mão, ansiando mais de seu dedo em seu interior.

Sua mão continuou esfregando seus lábios de seda quanto mais e mais umidade deslizava dela e cobria sua mão. Ele grunhiu e separou seus lábios dela.

— Está mais que pronta para mim, doce Jane. — Seu fôlego esquentou sua bochecha quando falou em voz alta. — Você é minha.

Efetivamente, queria isto. Não importava o que outros pensariam. Assentiu com sua cabeça e arqueou seus quadris em sua mão sondando seu sexo. Ele pressionou três dedos em sua entrada e logo os abriu em leque, estirando sua carne. O ardor era tão erótico que enviou ondas de fumegante pressão a seus membros. Voltou a deslizar os dedos introduzindo-os em seu interior. Seus quadris se arquearam e fez chiar sua carne empapada em sua palma com cada empurrão.

Deslocou-se sobre ela e seu ombro ficou ao nível de seus lábios. Ela beijou famintamente a salobre mais doce pele descoberta. Mordendo a suave curva, beliscou os músculos e a carne entre seus dentes. Ele vaiou e agarrou suas coxas, separando-as bruscamente.

Seu sexo acariciou o interior de sua coxa e ela ofegou. Seu membro era grosso, tão grosso, e hummm... Tão longo. Tratou de relaxar, mas cada nervo saltava pela fome, a suave cabeça pressionando contra seus escorregadios lábios. Ele se alavancou contra suas mãos e se inclinou para lambe seu pescoço.

Seu coração martelou em seu peito. Estava a ponto de unir-se a um homem e em realidade não tinha idéia do que fazer. Devia fazer isto? Uma onda embriagadora de desejo correu por suas veias. Seu fôlego ficou preso em sua garganta. Sim. A necessidade dele enchendo-a, de ter a este homem que fazia que seu corpo se sentisse tão bem empurrado nela, dominava sua alma.

Ela girou seus quadris e pressionou para cima para que sua glândula sondasse sua entrada. Ele não se moveu deixando-a iniciar este ato. O círio pressionava devagar para dentro, estirando-a mais e mais. Ele se conteve, seus músculos tremiam em tensão enquanto ela deslizava muito devagar seu grande pênis em seu apertado canal. Cada centímetro, cada trecho de sua carne que embainhava, intensificava sua consciência dele.

Ele tomou o lóbulo de sua orelha entre os dentes e gemeu. Tomando o controle do movimento, continuou pressionando com pequenos empurrões de seus quadris. A cabeça se introduziu rapidamente nela e uma sensação de algo molhado deslizou desde sua fúria a seu ânus.

— Jane. — Vaiou através de seus dentes apertados e arremeteu em um duro movimento



que acomodou a cabeça de seu pênis contra a entrada de seu útero. Ela gritou e seus olhos se abriram como pratos. Sua forma enorme a cobriu. O calor que brotava a fervuras dele molhava seu corpo e o dele. Seus quadris se arquearam e retirou seu comprido pênis de seu sexo avaro. Ela gemeu ante a sensação entristecedora de vazio.

— Jane... — Voltou a empurrar para dentro, mais duro que a última vez.

Seus quadris se arquearam e seus joelhos prenderam seus quadris, não querendo que ele deixasse seu corpo.

Ele grunhiu. *Estou perdido por você.*

Suas mãos cavaram nos músculos de sua parte posterior.

— Mais.

Sua voz soava tão áspera que não a reconheceu como dela.

Sob suas mãos sua carne ficou mais tensa. Enquanto grunhia e vaiava, seu sexo saqueava dentro e fora dela. Seu corpo se arqueava a cada empurrão, músculos se esticavam quando recordava o presente que havia lhe trazido ontem à noite.

— Martin! Martin!

Seu sexo o apertava, pulsando, podendo se ouvir os ruídos de sucção de sua união. Ele vaiou outra vez, rodeou suas pernas com suas mãos e se apoiou sobre ela inclinando seu traseiro. Seus dedos queimaram a carne de seu traseiro e a pressão empurrou em seu ânus; algo tinha sido inserido nela. A sensação era tão estranha. Seu sexo teve um espasmo e seu corpo corcoveou quando ambas as penetrações continuaram com o empurrão de seus quadris.

Seus dedos se cravaram na carne de suas pernas. Seus lábios aterrissaram sobre seu duro mamilo, chupando-o até o ponto da dor. Mãe querida! O desejo, o desejo nela, arrebentou, subindo em espiral em sua necessidade de alcançar o prazer. Sugou seu mamilo e seu corpo tremeu. Com um grunhido ele a mordiscou. Ela gritou quando o prazer satisfeito se combinou com a dor que lhe infligiu. Seu pênis palpitou e ficou paralisado, os músculos tensos. Então se derramou. O formigante membro açoitou seu útero quando a morna umidade brotou a jorros nela. A pressão se desenvolveu tão deliciosa, e o calor irradiou de seu útero. Ele meneou seus quadris contra sua vulva e seu corpo brotou outra vez, as paredes de seu útero massageando seu duro pau.

— Jane.

Rodou de lado, arrastando-a com ele. Ela se ajeitou sobre seu peito, suas pernas envolvendo



seus quadris. O som de seus corações pulsando combinados a adormeceram.

Jane despertou com a sensação de um molhado calorzinho em toda a longitude de sua fenda, seu corpo arqueando-se sobre si mesmo.

— Martin?

Sua cabeça se levantou debaixo dos lençóis, seus olhos haviam se tornado novamente da cor do sangue, da mesma forma em que os tinha visto essa primeira noite. Saltou. Fechou seus olhos e agitou sua cabeça.

— Jane, tem que saber mais, agora que me aceitaste.

Riu.

— Penso que é muito tarde para isso. Deveria ter sabido mais antes que você... Sou incapaz de conter a mim mesma.

A vergonha ruborizou seu rosto.

— Você é minha companheira. Seu corpo sabe, inclusive, se sua mente resistir.

O dorso de seus dedos acariciou sua bochecha e ela fechou suas pálpebras aconchegando-se ante a carícia.

— Sinto te haver feito sangrar novamente.

— Fez? Bem, é grande.

Suas bochechas arderam ainda mais.

Ele sorriu e lhe deu uma piscada.

— Efetivamente. Desfrutou ao final?

Seus olhos brilharam com perversidade e seu corpo se esquentou com a lembrança da intensa sensação de calor, a memória da sensação intensa de ser transpassada por dois lugares de uma vez.

— OH! Sim.

— A possuirei duas vezes mais nas próximas duas postas de sol.

— Deseja me reter?

Suas sobrancelhas se elevaram e assentiu com a cabeça.

— Menina absurda. O ritual para te marcar começou esta noite. Esta união mostrará a outros que você é minha porque foi marcada com meu aroma, minhas marcas. Logo a abertura, preparando seu corpo para receber minha semente. Finalmente Orsse, onde te faço minha



companheira para sempre.

Seu corpo inteiro tremeu e Jane puxou-o e rodou. Seu corpo se acomodou completamente com o passar do dele.

— A possuiria outra vez esta noite se não te tivesse machucado muito.

Seu corpo continuou tremendo.

— Deseja-me outra vez? É por isso que está tremendo?

— Sim.

Apertou os dentes.

— Tenho que deixá-la. Não tenho domínio sobre meu desejo por você estando tão perto.

Assentiu com a cabeça e a carne de seu peito tremeu com seu fôlego.

— Martin, vai me dizer o que é?

— Somos todos Ursus; somos humanos, mas também algo mais. E esse algo mais é o que faz a todos os Ursus diferentes. Tenho visão aguçada na escuridão. Também tenho força incrível. Nós, em uma forma ou outra, podemos ler os pensamentos ou as emoções. — Apertou-a fortemente em seu abraço — E, quando nos ameaçam, trocamos.

Trocam?

— Como?

— Garras, a altura, os dentes. É nossa defesa. Como protegemos o que é nosso.

Assentiu com a cabeça e esfregou seu rosto nos cachos sobre seu peito.

— É por isso que se parece como seda ao tato?

— Você acredita que sim? Bem, nem todos nós somos assim. O cabelo do Mac é áspero, inclusive sendo meu gêmeo.

Seu coração pulsava desenfreado debaixo de sua orelha e sua ereção cresceu firme contra seu estômago.

As bochechas de Jane começaram a esquentar-se.

— Faremos o ato duas vezes mais e logo você partirá para o bosque e me deixará aqui para que gere mais Ursus? — Ou um menino humano do Jonathan. Como podia querê-la realmente, sabendo isso?

Não respondeu, mas se levantou da cama e a beijou. Seus lábios firmes morderam e aspirou ao fôlego dela. Sua cabeça começou a girar.

— Não posso ficar. Cresci extremamente outra vez. Se o fizer, a machucarei mais ainda.



Queria que ele ficasse. Fazer o que fez com ela outra vez. Moveu-se e envolveu suas mãos sobre seus ombros e a carne entre suas coxas ardeu e doeu. Ai!

Assentiu com a cabeça; era verdade. Unir-se a ele não seria tão agradável como o ato podia ser. O peso de seu corpo comprimiu o colchão. Quando partiu, seus olhos se fecharam.

Capítulo 06

— Senhorita Milton! Senhorita Milton!

Jane estirou os doloridos músculos de seu corpo e seu sexo. As sensações e as lembranças do que ela e Martin fizeram a noite anterior retornaram e esquentaram sua pele. Um sorriso se acomodou em seus lábios.

— Lorde Tremarctos deseja que se reúna com ele em seu estúdio.

OH! Estava cansada! Seus olhos piscaram quando a luz entrou rodeando as cortinas. O sol. Endireitou-se de repente. Podia ir para casa. Um sorriso tocou seu rosto e ficou de pé. A carne entre suas pernas protestou ante o movimento repentino.

Martin... Não seria feliz se partisse. Ofegou. Seu coração doía somente ante a idéia de deixá-lo atrás. Como tinha acontecido tão rápido sua conexão com este homem? Beliscou a ponta de seu nariz. A decisão de partir certamente podia esperar até que visse o Martin outra vez. Podia enviar uma carta a seus pais rapidamente, entretanto, e informar a respeito de seu paradeiro.

Aproximou-se do lavatório e jogou água gelada sobre seu rosto. Um arrepio cobriu sua pele, mas não esfriou o calor que se desenvolvia violentamente em seu interior. Retorcendo um pano molhado, arrastou o algodão úmido por seu pescoço. Seu olhar captou seu reflexo no espelho e gemeu. Seus lábios estavam inchados, sua língua saiu como uma flecha e seguiu a superfície roliça, seu cabelo em uma desordem enredada e um surpreendente chupão manchava seu peito.

Puxando o decote de sua camisola olhou fixamente seus peitos. Eles, também, estavam avermelhados tanto como a pele ao redor e debaixo de seus cachos. Seus dedos percorreram a pele suave como a seda. Martin. A pele se parecia exatamente da mesma maneira que ele. Que raro! Uma lembrança dele? Havia dito que a marcaria. Era isto o que significava?

Penteou seu cabelo e o enrolou o melhor possível em um coque na base de seu pescoço; então vestiu o leve vestido verde que Martin lhe tinha dado. O tecido escorregou por seu corpo e



os calafrios cravaram sua pele. Martin. Passou as mãos por suas suaves curvas, imaginando suas mãos em lugar das próprias. Retornou ao espelho. OH! A cor dava aos seus olhos um brilho especial. O decote, um quadrado moderado, cobria a carne seda borgonha de sua pele. Além de seus lábios, ninguém pensaria nada diferente sobre ela.

Abrindo a porta seguiu Jerome para que a dirigisse ao Lorde Tremarctos. Seguiu-o pelo corredor e as imponentes escadas ao piso principal.

Deteve-se na entrada ao estúdio. A grande porta de madeira da habitação permanecia aberta. Lorde Tremarctos se sentava detrás de um escritório grande; sobre a parede atrás dele pendurava uma pele de urso. Livros e artefatos interessantes enchiam as prateleiras que rodeavam a habitação. Desejava poder ficar para tirar os livros das prateleiras e inteirar-se dos segredos escondidos desta casa.

— Senhorita Milton. — Anunciou-a Jerome e fez uma reverência.

— Senhorita Milton, por favor, entre e sente-se.

Lorde Tremarctos não olhou para cima enquanto rabiscava em um livro grande aberto sobre seu escritório.

Ela cruzou a soleira e entrou na habitação com pernas cambaleantes. Lorde Tremarctos estava a ponto de enviá-la para casa. Seu coração deu um salto em sua garganta.

Apertando suas mãos à frente, se sentou na grande cadeira de madeira em frente de seu escritório. Era realmente elegante. Seu longo cabelo cinza estava preso em um rabo a suas costas. Sua jaqueta era do mesmo prateado escuro de seu cabelo.

Um olhar azul gelado a percorreu, a avaliou e suspirou.

— O clima se dissipou. Tenho uma carruagem preparada. Estará preparada para te levar para casa dentro de uma hora.

Mordeu seu lábio e apertou os punhos sobre a suave saia verde. Não queria ir. Martin sabia que estava a ponto de partir? Jogou uma olhada para cima para ver lorde Tremarctos olhar fixamente pela janela.

— Senhorita Milton, não jogarei contigo. Desejo que deixe esta casa. Posso intuir sua indecisão. — Sem obter que o olhasse plantou suas mãos sobre a superfície do escritório. — Posso ver e farejar a marca do Martin. — Fechou seus olhos e franziu os lábios; uma dobra vincou sua frente — Não posso permitir que ele faça que fique aqui.

— Desculpe? — Isto era devido ao que Devon havia dito. Seu pai tinha medo do que Mac e



Martin pudessem fazer. Não tinha visto o Mac desde o café da manhã um dia antes.

— Tem medo por mim se ficasse aqui?

Seu olhar disparou ao seu e a cólera cintilou detrás de seus olhos.

— Há uma história aqui, senhorita Milton, algo que você não pode compreender. Não deixarei meus filhos percorrer o mesmo atalho. Você deixará esta casa. Não aprovo que esteja aqui.

Seu lábio inferior tremeu e as lágrimas cravaram seus olhos. Não concordava com a escolha do Martin? As lágrimas brotaram e sua garganta se apertou. Outra vez, era não desejada. Deveria ter sabido que o comentário sobre a não importância da condição social só era uma parte da verdade. Se partisse, o que faria Martin? Realmente a queria como seu casal? Ou havia dito por que isso lhe permitiria deitar-se com ela?

Afogou um soluço, seu coração diminuindo de velocidade a um ruído surdo e doloroso em seu peito. Não importava. Lorde Tremarctos não permitiria que ela ficasse. Sem o Martin aqui para defendê-la, não tinha nenhuma escolha a não ser aceitar suas ordens. Uma lágrima deslizou por sua bochecha, esfriando a carne úmida quando os calafrios da tristeza arrepiaram o pelo de sua nuca.

Talvez retornar para casa seria o melhor. Inalou trabalhosamente. Tinha que tranquilizar sua família, dizer que estava bem...

Tragou o grande nó que tinha entupido sua garganta. Martin era diferente e embora parecesse tão perfeito, tantas coisas não estavam bem nesta situação.

Não era de sua classe social e realmente ainda não tinha idéia do que eram capazes os grandes e terríficos membros da família Ursus.

Mas Martin.

Agulhas cravaram a pele avermelhada debaixo de sua roupa e levantou sua mão levando-a ao decote de seu sutiã. Seu corpo e mente ansiavam ao Martin. Quanto tempo permaneceria o tato de sua pele sobre seu corpo? Poderia esquecê-lo em um dia como tinha feito com Jonathan? Seu dedo seguiu a sedosa marca sobre sua pele. Guardaria essas lembranças tanto como ela pudesse. Sentia-se curvada pelos sentimentos que tinha pelo Martin e que transbordavam de seu coração. As lágrimas picaram seus olhos e tragaram seu coração.

Não partiria sem lhe dizer aonde tinha ido. Se Martin decidisse que efetivamente a queria depois do rechaço de seu pai, saberia onde encontrá-la. Escreveria uma carta. Não podia partir



sem fazê-lo.

— Muito bem, senhor. Tem pluma e pergaminho? Gostaria de deixar uma carta para Martin. Tinha uma letra horrorosa, mas podia deixar uma nota breve.

Assentiu com a cabeça e logo lhe estendeu algumas folhas, uma pluma e um tinteiro.

— Isto é o melhor. Obrigado.

Tomou a pluma em sua mão e rabiscou sobre o pergaminho.

“Martin

Retornei ao Sudhamly para aliviar as preocupações de minha família.

Jane.”

Jane desceu da carruagem do Ursus à rua enlameada de Sudhamly. As ruas ferviam com a atividade do meio-dia. As pessoas giravam para olhar fixamente o vagão laqueado de negro com o emblema apenas identificável sobre ele. Se não tivesse vivido na casa do Ursus, teria pensado que o símbolo era um engano escurecido pelo barro.

Para ela, o emblema vermelho e verde de um urso com as garras estendidas brilhava como o dia. Urso... Os calafrios percorreram sua pele e as marcas sobre ela a queimaram. Com cada passo que a afastava de Tremarctos e Martin, as marcas arderam cada vez mais. Afastou-se da carruagem com relutância, seu coração pulsando com a força da inquietação.

Os vizinhos do lugar tinham ouvido falar de sua queda em desgraça? Jogou uma olhada a alguns dos vizinhos e sorriu, mas a olharam fixamente como lhe perguntando sobre seu veículo.

Nervos estreitaram suas mãos. Por que estar aqui parecia tão mau? Tinha querido a comodidade deste lugar, de sua família, mas no momento queria subir de retorno à carruagem do Ursus. Agitou sua cabeça.

Tola, você pertence a este lugar, não àquele. Se sente assim somente devido a sua loucura. Deve ir com seus pais.

Endireitou seus ombros e abriu a porta da loja de seu pai. O aroma familiar de amido e linho rangente entrou flutuando a seu nariz e sorriu.

— Ai está você! — Gritou seu papai da parte posterior da loja. Que raro! Tinha estado fora somente duas noites, mas não sabia o que fazer. Deve entrar? Devia esperar ali?

O quarto da loja, o maior de sua casa, se parecia incrivelmente pequeno. O ar cheio de



vapor, de lavar e secar asfixiava-a. Não pertencia aqui... Sim. Agitou sua cabeça. Não podia esperar para ver seus pais e limpar as preocupações de sua mente. Caminhou com longas passadas para frente, suas mãos em punhos, sua espinha dorsal reta, a determinação palpitando através dela. Deteve-se. Ouviram falar de sua loucura? O que diriam?

Seu coração martelou em sua garganta; caminhou atrás do balcão e empurrou as cortinas que separavam o depósito. Sua mãe estava detrás de uma mesa de trabalho, cortando tecido e chiou quando Jane encontrou seu olhar.

— Jane! Jane!

Correu para ela e a envolveu em um abraço imenso.

— OH, querida menina, onde esteve?

— Mamãe. — Apertou fortemente os ombros carnudos de sua mãe e as lágrimas obscureceram seus olhos — Fui apanhada pela chuva. E...

O que deveria lhes dizer? Não podia lhes dizer que esteve fodendo com Jonathan e tinha saído correndo porque tinha se dado conta que a tinha usado. Ou que tinha encontrado amparo em uma casa cheia de nada mais que homens.

Sua mãe se afastou e estudou seu rosto com o cenho franzido.

— Está bem?

— Muito bem.

Seus lábios se converteram em um sorriso.

— Thomas, Thomas, Jane está em casa. Jane está em casa! — Chiou sua mãe.

Seu pai veio da cozinha, suas mãos azuis com a tintura.

— Ah! Jane ficamos tão atemorizados.

Seu olhar a percorreu de cima abaixo.

— Mas parece estar muito bem. Certamente encontrou um lugar onde se proteger do clima. Ficou na casa da velha Sra. Smithies?

— Ah, não... Perdi-me, mas encontrei o amparo. Estou muito bem.

— Vou preparar um chá e você pode ajudar a sua mãe com alguns acertos.

E retornou à cozinha.

Seus ombros relaxaram e ela e sua mãe dirigiram à porta que dava ao lado familiar do edifício. Era bom estar em casa. Não a tinham pressionado nenhuma só vez por explicações. Que raro! Ela não lhes tinha escondido nada no passado. Talvez devesse lhes dizer.



Não! Estariam tão envergonhados dela e no momento queria sentir somente a comodidade. Seu coração se estreitou. Confiaram nela e tinha feito algo imperdoável. O que fariam se estivesse grávida? Não poderia esconder o que tinha ocorrido. Se a intriga se filtrasse ao povo, a empresa de seu pai sofreria. Mas como lhes explicaria?

Sentou-se para desfrutar das comodidades que ansiava: a família e a casa. Esta noite diria a sua mãe o que tinha ocorrido. E amanhã, tudo mudaria.

O pelo da nuca de Jane se arrepiou quando Jonathan entrou no salão de seus pais. O que estava fazendo aqui?

— Senhorita Milton, estou tão feliz de que esteja bem. Assustou a todos.

Mãe querida! Como ia passar por isso? Não podia olhá-lo. O calor subiu a seu rosto.

Somente está aqui para ver seu pai, menina tola. Seu pai é seu amigo.

Assentiu com a cabeça e voltou para seu acerto sem sequer olhar o ponto.

Ele caminhou rapidamente para a cadeira a seu lado e se sentou com um movimento tosco. A agulha cravou seu dedo. Ai! Fez uma careta; negando-se a deixá-lo ver seus nervos e se forçou a sorrir.

Seu cabelo loiro escuro suavizava suas facções e vestia a mesma camisa branca que sempre levava. Ficou tensa, esperando a revoada em seu coração ou a dor que havia sentido enquanto escapava no bosque. Mas nada chegou. Somente suas bochechas ardendo de vergonha.

Estava pálido. Esteve doente ultimamente? Seus olhos azuis golpearam os seus e seu estômago se apertou em um nó. OH! Que raro! Nunca antes tinha experimentado essa reação ante ele. Sua mão se disparou a seu estômago e se sentiu aflita pela inquietação.

— Mary, nos traga alguns desses finos pães-doces que fez e um gole. — Disse seu pai a sua mãe. — Acredito que temos que celebrar a volta de meu bebê para casa.

Sua mãe se equilibrou sobre seus pés e desapareceu na cozinha. Jane deslizou a agulha novamente através da toalha que cerzia e conteve um arrote.

Jonathan se inclinou para ela.

— Estava apavorado por você, querida. Terei muito mais cuidado no futuro.

Seus olhos eram duros quando seu olhar se deslocou a seus peitos.

Graças aos deuses não os tocara outra vez! Esperava que não tratasse de levá-la à indiscrição outra vez, mas lhe tinha dado sua virgindade e isso não era um bom sinal de que



sempre estaria disposta?

Agora que tinha Martin não podia imaginar permitir que Jonathan a tocasse outra vez.

Tinha Martin? Tinha deixado sua casa. Ele podia considerar que tinha ido para nunca retornar. Mas ela não acreditava nisso.

Ela, curiosamente, podia senti-lo. Intuíu que se aproximava e que estava determinado a tê-la. A atitude possessiva provavelmente vinha de sua marca. Um sorriso curvou seus lábios quando uma morna felicidade a atravessou.

Um dia voltaria para os Ursus, embora fosse apenas para ver a casa de longe e perguntar-se. As marcas de framboesa sobre sua pele arderam e seu coração se estreitou. Não queria retornar ao Tremarctos nem por um dia, mas, agora.

OH! Que desordem tão maldita isto era! Não podia fazer isso e por que queria fazê-lo com tanto desespero? Não eram de sua classe e uma parte dela temia ao Tremarctos. Seu estômago gorjeou e teve soluço.

Sua mãe reapareceu com uma bandeja na mão, seus saborosos pães-doces de ervas e dois goles de cerveja. O aroma de romeiro e tomilho aliviou a queixa de seu estômago.

Mary pôs a bandeja sobre o aparador e entregou uma caneca ao Jonathan e a outra a seu pai.

— É muito bom que Jane esteja em casa e a salvo.

Jonathan elevou sua caneca a seu pai e sorriu.

Sua bochecha tinha tremido? Seus olhos se estreitaram enquanto o esquadrihava atentamente.

— Efetivamente o é. Porque se algo lhe tivesse passado, não poderia desfrutar deste feliz momento.

A maneira em que seu pai o havia dito era um pouco rara. Reprimiu o calafrio que atravessou sua espinha dorsal. O que queria dizer?

— Estou tão feliz de estar em casa, pai, e aliviar suas preocupações. Não queria que você e mamãe se preocupassem.

Seu olhar se precipitou de um lado a outro entre os dois homens. Algo estava mau.

— Efetivamente, menina, estamos encantados de sua volta. E este dia é ainda mais especial...

Os olhos de seu pai estavam enchendo-se de júbilo e um sorriso radiante se estirou sobre



seu rosto quando olhou dela para Jonathan.

OH! OH, não! Seus pulmões se travaram e ofegou em busca de ar. Estava a ponto de dizer o que pensava que estava a ponto dizer? Seu corpo inteiro ficou tenso quando a bÍlis queimou um rastro precipitado até acima de sua garganta. Seu estômago retorceu, subiu e desceu. Sua mão se precipitou a sua boca e tragou duro, tratando conter sua náusea porque não queria envergonhar sua família lançando frente a eles.

— Sim, menina, Jonathan pediu sua mão...

Afogou-se enquanto tentava manter dentro o conteúdo de seu estômago. Jonathan estendeu a mão para agarrar a sua, um sorriso confiante em seu rosto. O aroma dele, lúpulo e suave escocês, chocaram-se com seu nariz. Seu estômago não o suportava; o vômito saiu de sua boca, salpicando a parte interior das pernas das calças do Jonathan e seu tão valorado *equipamento*.

— Fogo sagrado! — Chiou Jonathan quando disparou a seus pés.

— Eu... sinto tanto. — disse Jane sentindo-se um pouco melhor — Mas... mas, pensava que não tinha interesse em mim mais que para uma transa.

Sua mãe gemeu.

— Jane! Você... Você e Jonathan fizeram...

Seu pai elevou uma mão, contendo eficazmente a sua mãe.

— Jonathan me visitou depois de seu desaparecimento. Estava super excitado pela culpa e disse que quando voltasse para casa se casaria contigo. Sabíamos que lhe tinha carinho assim aceitamos.

Deveria estar transbordante de alegria e regozijo. OH, Deus. Isto não estava ocorrendo! Há dois dias casar-se com Jonathan era tudo o que tinha desejado. É o que esperava da vida. Mas agora... Tinha experimentado o verdadeiro carinho e o verdadeiro desejo e isto não era o que queria.

Sua mãe trouxe dois panos da cozinha e os passou ao Jonathan. Os dedos de Jane beliscaram a ponta de seu nariz. Afh! Fedia! Ficou rapidamente de pé e se apressou em parar no lado oposto da habitação. Seu estômago apertando-se outra vez enquanto caminhava para ela. Tinha encontrado o aroma de lúpulo do Jonathan sempre tão masculino e certo, mas não agora.

— Não se preocupe amada. Vomitaram sobre mim anteriormente.

OH, Deus, OH, Deus, OH, Deus. Como é que tinha terminado apanhada em algo como isto!



Deu meia volta.

— Eu... Não posso me casar...

Rap, rap, rap.

Saltou e todos se voltaram para a porta.

Seu pai avançou para a entrada traseira e puxou a maçaneta.

Martín irrompeu além de seu pai no pequeno salão, fazendo parecer pequeno tudo em seu interior.

Seus olhos alvoroçados a avaliaram em um olhar.

— Senhor.

Inclinou a cabeça para seu pai.

Foi abatida por uma onda de alívio tão poderosa que queria chorar e lançar-se em seus braços. O aroma de canela entrou flutuando em seu nariz do outro lado da habitação e seu estômago parou sua revolta em um instante. Seus olhos brilharam. *Tudo estará bem, Jane*, se filtrou em sua mente.

— Perdoe? Senhor. Quem é você para irromper em minha casa?

O olhar de seu pai deslizou por sua enorme figura, estudando a confecção de sua roupa.

Parecia tão finamente vestido com o casaco azul corretamente entalhado e calças curtas.

Algo que somente um homem com uma muito boa situação econômica podia permitir-se e seu pai nunca deixaria escapar algo como isso.

— Sou o marido de sua filha.

Um forte ruído surdo soou da porta da cozinha. Nenhum deles girou para investigar.

— Perdão, senhor? — Seu pai lhe dirigiu seu olhar fixo — Jane?

OH! Isto... Isto... Que idéia tão ridícula! Estarem casados. Como supunha que funcionaria isso?

— Não lhes disse Jane? — A voz estável e profunda de Martin fez estremecer suas tripas. *Segue a corrente, Jane. Não deixarei esta casa sem você.*

Apertou os punhos. Queria ir com ele. Tinha uma proposta verdadeira de matrimônio e uma que era fictícia. Sua alma queria a mentira. Algo estava mal nela! Nenhuma mulher correta em sua situação deixaria escapar uma proposta verdadeira.

Jane.

Olhou fixamente ao Martin e sua garganta se apertou. Não podia recusar-se a ele.



— Não. Eu... não podia pensar em uma maneira correta de divulgar as boas notícias.

O alívio brilhou nos olhos de Martin.

— E "Saí correndo e me casei"? Minha amadíssima menina — Seu pai estudou as brilhantes botas salpicadas pelo barro de Martin. — E, senhor, é "Senhor"? Correto? — Seu pai inclinou a cabeça.

— Martin Ursus do Duque de Tremarctos. — Disse arrastando as palavras.

Isso era verdade? Seu pai era duque?

Um ruído surdo e logo um gemido chegaram de sua mãe quando caiu sobre o piso outra vez. Jane não podia tirar seus olhos de Martin e ninguém mais se moveu para ajudar a sua mãe tampouco. Poderiam perder algo.

— Jane, menina, por que não nos disse que tinha se familiarizado com um nobre?

Martin não lhe deixou nenhuma possibilidade de responder.

— Conheci Jane no caminho enquanto viajava em minha carruagem faz dois dias e fiquei tão cativado por sua beleza que meu coração não permitiria que vivesse sem ela.

Sorriu e deu uma piscada para Jane.

As mentiras... E mais mentiras. Alguma vez contaria uma verdade outra vez? Tratou de sorrir.

— Se negou a subir em minha carruagem. Meu coração vibrava de amor e me neguei a deixá-la. Depois de muita persuasão, convenci-a de que aceitasse minha ajuda e aceitou finalmente casar-se comigo rapidamente. Saímos para Escócia em seguida.

Faria isso se o tivesse conhecido no caminho? Fechou seus olhos... Por Deus! Desejava que essa situação tivesse sido verdadeira. Parecia que gostava de sonhar acordada!

Cruzou os braços e o olhou fixamente de pé inflexível em seu salão; sua cabeça estava somente a uns poucos centímetros do teto. O que pensava seu pai? Jonathan obviamente havia dito sobre sua estupidez.

Jogou uma olhada ao Jonathan; o orgulho ferido brilhando em seus olhos. Notando seu olhar avançou a pernas para ela, Martin se interrompeu em meio de um oração que o observou aproximar-se a ela. Em um movimento rápido, Martin se interpôs entre Jonathan e ela. Seus olhos se entrecerraram e olhou Jonathan, desafiando-o a rodeá-lo.

— Mas... Mas eu... —Jonathan assinalou com o dedo de um lado a outro entre si e a ela. — Nós.



— Não! — Disse Martin em uma voz firme que quase era um grunhido — Não há "Nós" onde ela e você estejam envolvidos.

Os olhos de Jonathan se abriram como pratos e girou para averiguar o rosto de Jane.

— Jane. — Inclinou sua cabeça. — Me alegro de que você esteja bem.

Martin ficou a um lado para deixá-lo passar e Jonathan abriu a porta apressadamente e saiu.

Jane tragou duro. Acabava de passar sua única oportunidade de respeitabilidade. Mas Martin tinha vindo por ela. Martin! Seu corpo inteiro se acendeu da mesma maneira que um fogo ante sua proximidade.

— Minha estimada menina. — Seu pai agarrou sua mão e lhe deu uma piscada — Milord, ficará conosco esta noite para que possamos conhecer o novo membro de nossa família.

— Sinto muito, senhor. Tenho um assunto importante que requer minha atenção pela manhã. Partiremos esta noite de volta a Tremarctos.

— Muito bem, muito bem.

— Se é que o deseja, enviarei uma carruagem daqui a um mês para que você e a Sra. Milton possam viajar a Tremarctos para uma visita prolongada.

OH! Isso seria horroroso! O que pensaria sua família do que ocorreu nessa casa?

— Claro que sim! Estaremos encantados, não, Mary? — Seu pai se voltou para a cozinha — OH! Mary!

Todos se precipitaram para sua mãe que gemia em seu desmaio enquanto suas pernas tremiam sobre o piso.

O pai de Jane se ajoelhou para ajudar a sua mãe a ficar de pé e os dedos afetuosos de Martin envolveram o braço de Jane, puxando-a firmemente contra sua longitude. Sua mão deslizou por seu braço, extraindo os pequenos tremores na esteira de seu tato; então entrelaçou seus dedos com os seus. Sua ereção se apertava contra seu traseiro.

Jane, Jane. Necessito-te, Jane. Necessito-te mais que nenhuma armadilha romântica que tenha criado sua família. Disse-lhe claramente a sua mente.

Fechou seus olhos quando a excitação passou roçando sobre sua pele. Dizia-o a sério?

Deveria tê-la advertido sobre o aroma de outros homens ameaçadores... Seu peito rugiu em uma risada afogada suprimida contra suas costas.

O que? Girou para olhá-lo atentamente e franziu os lábios.

— Quer dizer que lancei meus pães-doces porque Jonathan se aproximou muito de mim? —



Sussurrou.

— Algo assim. — Pressionou seus lábios a sua orelha e seu corpo tremeu.

Mal tinha sufocado sua mudança quando viu o Jonathan?

— Está bem?

— Logo que esteja dentro de você, estarei.

Capítulo 07

Os músculos de Martin se esticaram enquanto levantava Jane para subi-la na carruagem. Seu cavalo foi preso atrás. Tinha encontrado ao condutor da carruagem que tinha deixado Jane em sua casa quando retornava a Tremarctos. Fez com que o condutor o seguisse de volta a Sudhamly e era uma boa coisa, pois, precisava estar dentro de Jane, e agora, estava a um passo mais perto de fazê-la sua. Sentou-se sobre o assento de couro negro, envolvendo um braço sobre suas costas e outro sob seus joelhos, levantando-a em seu colo.

— Jane.

Aconchegou-se em seu cabelo dourado quando a carruagem começou a mover-se.

— Martin! Tenho que saber. Cumprirá com suas palavras?

Sorriu contra os suaves fios expostos. Ela não tinha idéia do poder que tinha sobre ele.

— Jane, pode ter tudo o que deseje de mim. Deseja que nossa união seja legal? Assim seja!

— Mas o que ocorrerá se estiver grávida de Jonathan? — Suas bochechas avermelharam e conteve o fôlego. — Rechaçará a mim e ao menino?

Dor e incerteza caíram sobre ela e em suas mãos.

— Sabe como cheguei a Tremarctos. Somente o tempo...

— Shhh, querida Jane. — Retirou uma mecha de cabelo de seu rosto. — Não está grávida... Ainda. Cheirá-lo-ia. Entretanto, depois de amanhã estará. Com o meu.

Agarrou seu queixo com uma mão e girou seu rosto para o seu. Seus olhos azuis cintilavam enquanto registrava suas profundidades, tratando de ler suas emoções.

— Isso é o que você quer, não, Jane? — Seu polegar esfregou a superfície branda de sua bochecha — Estar obrigada a permanecer comigo por toda vida, levar a meus filhos?

Seus olhos se alargaram e o desejo brotou a fervuras dela tão explosivo que a pele que



tocava queimava.

— Isto é tão estranho, mas isso é o único que desejo.

— É? Está segura? Não acredito que pudesse parar neste momento. Você me consome Jane.

Mas trataria.

Uma lágrima escapou pelo canto de um olho e foi apanhada pela ponta do dedo que acariciava sua pele.

— Quero-o, Martin.

Sua respiração escapou de seu peito.

O mesmo desejo físico desesperado carregou o ar entre eles. Não era a emoção que estava em seus corações, mas valia por agora.

Ela se moveu em seu colo, agrupando suas saias e deslizando seus joelhos aos lados de suas coxas, olhando para ele. O aroma de sua fátia aberta quando seu corpo se estendeu sobre ele o golpeou.

Deus. Seu membro inchou e seus olhos se tornaram vermelhos.

— Jane?

Suas mãos caíram para acariciar a curva de sua cintura.

— Efetivamente, aqui na carruagem.

Assentiu com a cabeça, um aberto sorriso sensual iluminando seu rosto.

Efetivamente. Grunhiu, e sua mão deslizou entre as dobras escorregadias. A carne quente e empapada deslizou sobre seus dedos, recebendo-os contra ela quando arqueou suas costas em sua palma e gemeu.

Os calafrios percorreram sua pele enquanto seu mastro palpitava. Logo seria sua para sempre. Ela empurrou seus peitos para ele e sua língua saiu como uma flecha seguindo a borda de seu decote. Sua pele cheirosa com o despertar e seu aroma deslizou por sua língua e fez pulsar seu membro.

Queria-o tão desesperadamente. Ele empurrou seus dedos em sua vulva e suas pernas deslizaram sobre o assento de couro, abrindo-se mais, montando sobre sua invasão. A carne esponjosa acariciou seus dedos em ondas enquanto tremia em excitada sorte. Era deliciosa! Nunca havia sentido tanto prazer porque uma mulher o desejasse. Seu olhar encontrou sua marca que cobria seus peitos e sua cabeça deu voltas; o animal dentro dele se voltou selvagem pela fome que sentia por ela.



Seu polegar rodou de um lado a outro em suas dobras escorregadias, encontrando seu broto e raspando-o brandamente com sua unha.

— Martin! — Empurrou contra sua mão, derramando mais de seu pegajoso mel em seus dedos e cravou as unhas no tecido de seu casaco. — Eu... Quero você agora, Martin.

Seu rosto ruborizou com o calor e estremeceu ligeiramente com a vergonha.

— Não se envergonhe por seus desejos, Jane. — Sua voz soou como um grasnido. — Te quero com um desejo tão agudo. Deve pedir por aquilo que deseja carnalmente e não preocupar-se por isso.

Tomou sua mão e a levou a sua virilha e ela desabotoou suas calças liberando seu membro. Sua carne se endureceu, expandindo-se fora dos limites de suas calças. Ele gemeu com alívio.

Levantou-a e esfregou a cabeça inchada de seu membro na carne temperada de sua fatia, deslizando a cabeça desde seus clitoris a seu ânus. As conexões de sua pele vibraram com o calor de um relâmpago. Grunhiu e acomodou a ponta em sua entrada.

— Empurra para baixo sobre mim, Jane. Desliza meu duro pau em você até que seu corpo esteja cheio de mim.

Sua mente se concentrou no lugar de sua união; seus testículos endureceram e apertaram. Suas sementes esta vez a preparariam para encher seu ventre com seu filho em meio-dia mais.

Ela empurrou para baixo muito devagar; sua umidade acariciou a cabeça de sua estaca enquanto baixava. Seus pulmões se apertaram e tratou de permanecer imóvel para deixá-la tomar a dianteira de seus desejos, mas tinha que tocá-la. Maldição! Estendeu a mão para cima e agarrou seus peitos; seus polegares acariciaram seus duros mamilos, apenas visíveis debaixo de seu espartilho; sua cabeça caiu para trás com um gemido que atravessou seu peito.

A cabeça de seu membro empurrou sua entrada e seu olhar se cravou em seu rosto.

Olhou-o fixamente e mordeu o lábio.

— Martin.

Empurrou para baixo e se sentiu embargar completamente de ardor erótico.

Apertou os dentes e seu coração pulsou loucamente. Arqueou-se contra ele, esfregando seu montículo contra os cachos de seu sexo, misturando seus sucos, seus cabelos, seus corpos como um.

Retirou-se até a ponta e baixou outra vez com o mesmo movimento rápido. Seus músculos estiraram; uma e outra vez repetiu seu movimento. Seu veludo aferrava sua dureza e extraía sua



semente das profundidades de seu saco. Não era suficiente; necessitava-o mais rápido, mais duro, mais profundo.

— Jane.

Ele arremeteu para frente, derrubando-a no assento em frente dele. Ajoelhando-se sobre o piso da carruagem, seu membro ainda metido nela, agarrou suas pernas e enganchou seus joelhos sobre seus ombros. As saias formaram um atoleiro sobre seus peitos; seu rosto ficou perdido em muita musselina verde. Suas mãos se arrastaram escalando suas pernas cobertas com meias até a pele nua de suas coxas e acariciaram a carne branda excitada.

Retorceu-se e aferrou seus quadris, retirou seu membro até a ponta e corcoveou em seu corpo escorregadio. Ela se estirava, recobrando-o com o mel que fluía dela livremente, cobrindo sua rigidez enquanto ele explorava suas profundezas. Ele era selvagem com suas ações; era inflexível, mas não podia deter-se.

A entrada para seu útero tocou a cabeça de seu membro, se deteve e empurrou mais duro contra a carne firme enquanto seus testículos formigavam, derramando o fluido na abertura sobre seu útero. Grunhiu ante a estranha sensação que crescia desenvolvendo e construindo seu prazer. Inclinando-se, mordeu os botões de seus peitos. Ela gritou e se arqueou contra ele. Ele voltou a sair somente para internar-se novamente nela.

— Martin... OH!... Martin! — As paredes de sua vagina agarraram sua dureza, ele manteve o ritmo, bombeando dentro e fora dela enquanto os músculos de seu estômago se frisavam e seu peito se esticava, sua semente era como uma bola de fogo que se enrolava em seu escroto. A ardente necessidade de gozar em seu interior se impunha a todo o resto.

Seus músculos se contraíram, a um passo da euforia. Sua vulva deslizava ao longo da pele de seu membro; com um grunhido tão forte que perfurou seus ouvidos, sentiu suas sementes estalar em jorros poderosos e bastos, seu saco inteiro se esvaziou nela. Seu corpo ardeu, tremendo com os jorros que brotavam de sua cabeça.

Baixou suas pernas a seus quadris e a apertou contra seu corpo. Bebeu o aroma dela, dele, deles. Nunca tinha experimentado um prazer tão intenso. Delicioso!

Recostou-se sobre o assento contíguo; ela estava abrangendo-o, seu membro ainda derramando o fluido na abertura de seu útero. Seu corpo tremeu como o fez a primeira vez que fodeu, afligido com o prazer e as sensações. Sentia-se brilhar, embora não houvesse nenhuma luz. Estudou sua expressão marcada pela paixão e sua garganta se estrangulou com emoções que



ameaçavam transbordar.

Seu pequeno botão roçou a carne na base de sua vara e ela gritou; seu útero e seu corpo corcovaram, agitando profundamente o fluido dentro dela. Ele lançou um grunhido e vaiou. Quanto tempo permaneceria duro?

Os textos rituais lhe ensinaram sobre isto, mas nunca tinha pensado que o clímax seria mais forte e mais agradável que uma transa normal.

— Jane. — Acariciou a pele na base de seu pescoço. — Está bem, Jane? Machuquei-te?

— Não, estou muito bem. — Sua respiração se enroscou e os pequenos tremores acariciaram seu membro. — Foi diferente esta vez.

— Como?

— Sinto que ainda está duro e me enche completamente.

Grunhiu quando outro estalo pulsou de seu membro.

— Efetivamente.

— Mãe querida!

Seu corpo se balançou contra ele quando seu fluido gotejou em sua virilha. Apoiou a frente sobre seu ombro e envolveu seus braços sobre ele, abraçando-o. Ele, por seu turno, a segurou e a embalou em seus braços. Ficou sem fôlego e seu coração palpitou febril.

Amava-a.

Apertou-a forte, descansando o queixo sobre sua cabeça. Nunca tinha experimentado este desejo. Se algo lhe passasse, certamente também passaria a ele.

Sabia que o desejava; estava disposta a passar sua vida com ele. Isso deveria ser suficiente, não? A necessidade de sentir a emoção dela, esse mesmo desespero que saía a fervuras dela na noite em que chegou a Tremarctos por esse parvo Jonathan, enfurecia-o. Queria que ela sentisse as emoções, profundas e poderosas, que se envolviam sobre ela e seu coração. Faria? Ou era muito cedo logo depois de ter entregado tal sentimento a outro?

Jane esfregou seu rosto na lapela do casaco de Martin.

— Martin, Tremarctos ainda me assusta. Eu... acredito que se você me contasse mais sobre os Ursus, aliviasse meu temor.

Seus braços sobre ela se apertaram quando a carruagem caiu em um grande buraco, atirando-os. Seus fortes braços aliviaram sua mente e confortaram seu corpo. Estava segura com ele, mas Tremarctos... Martin não poderia estar sempre ao seu lado ali. Precisava compreender e



poder estar nessa casa a sós sem medo. Seus dedos brincaram com o botão sobre seu colete prateado.

— Ursus. — O corpo de Martin ficou tenso e ela esfregou sua mão sobre seu peito para relaxá-lo. — Somos do norte, além dos mares, onde os invernos são gelados. Nosso clã era de guerreiros colossais que acreditavam no Urso Sagrado. Era parte do que fomos. Quem eu sou. Os homens do clã adornavam sua pele com desenhos do urso. Aqui. — Tomou uma de suas mãos entre as suas e a apoiou no topo de sua coxa. — E aqui. — Estendeu a mão acima e tocou a parte posterior de seu ombro.

— O que são? Pinturas?

— Algo assim como uma pintura, mas a tinta se crava com uma ferramenta na pele com o propósito de que não saia ao lavá-los. Todos nós temos. Ainda não me viu nu à luz. — Seu peito rugiu com uma risada afogada — Mas o fará.

A carruagem girou no caminho para Tremarctos e Martin olhou fixamente a estrutura fora.

— Direi mais depois do jantar. E também mostrarei minhas marcas.

Jane ofegou.

— Na mesa, Martin? Não! — brincou.

— Farei que enviem uma refeição substanciosa a seu quarto, jantaremos em privado e ficaremos na cama. Não me afastarei de seu lado outra vez até que seja totalmente minha.

A carruagem se deteve e um criado apareceu para abrir a porta. Martin saiu e permaneceu de pé, oferecendo sua mão para Jane. Ela deslizou sua pequena mão na sua gigantesca. Era tão impressionante! O sol poente brincava criando mornos reflexos vermelhos e cobre em seu cabelo castanho comprido até os ombros. O marrom ligeiro de seus olhos cintilou quando a olhou com a posse sobrecarregada em suas profundezas.

Seus joelhos debilitaram, e um sorriso brincou em seus lábios. Nunca se acostumaria a esse olhar. Com um golpe de seu olhar sobre seu corpo, cada parte dela tremia com luxúria e ânsia por mais. Era adorada. Abrigava-a e a desejava além da razão. Quase ficou paralisada em seu lugar. Que coisa tão irritável! Desejava-o sem limites. Queria-o sem importar o que era. Sem importar o que queria lhe fazer.

A porta de Tremarctos se abriu e Lorde Tremarctos permaneceu de pé observando-os subir os degraus. Elevou uma de suas sobrancelhas e um profundo gesto franzido curvou seus lábios. Seus olhos se abriram e o calor que esteve atravessando seus músculos desapareceu. Não se



retirou da porta para lhes permitir passar. Elevou uma mão e os interrompeu em seu avanço.

— Papai.

— Martin, senhorita Milton. — Lorde Tremarctos inclinou sua cabeça.

— Passemos pai. — Os dedos de Martin sobre a mão de Jane se apertaram.

— É obvio filhotinho. Mas tenho que falar contigo. Agora.

Martin deu uma olhada para Jane.

— Assim seja! Fala.

O olhar de Lorde Tremarctos esquadrinhou seu corpo e se deteve em seus quadris.

— Posso cheirar os fluidos da abertura sobre ela; mande-a para cima para que se lave. —

Retornou ao Martin — Falaremos depois de que se tenha ido.

Jane baixou os olhos. O homem não tinha maneiras? Seu rosto ficou tinto, muito quente. Por que a odiava tanto? O que havia tão perigoso nela que o fazia humilhá-la? Deveria deixá-los passar e admitir a felicidade de seu filho.

Martin a olhou e aspirou, farejando o ar.

— É um aroma delicioso, não, papai? — Os músculos em sua bochecha tremeram e os dedos que seguravam sua carne se deslocaram.

Ela jogou uma olhada a seus dedos e seus olhos se abriram. Na parte de atrás suas mãos, sobre seus nódulos, apareceram fendas e pontas afiadas de osso saíram entre a carne. Garras. OH, não! Martin não podia lutar contra sua família, não na frente dela, não por ela.

— Detenha! — Gritou Jane e girou, pondo sua mão livre sobre o peito de Martin. — Vou banhar-me. Venha pra mim quando estiver preparado, Martin.

Martin ficou tenso; seu agarre sobre sua mão se apertou ainda mais.

— Não, Jane. Não permitirei que esteja nesta casa a sós.

Seu pai assentiu com a cabeça.

— É uma boa menina, Martin. Pode soltar sua mão.

— Não. Não permanecerá na casa a sós. — Martin olhou fixamente na entrada obscura — Devon ficará com ela?

Jane olhou dentro do negrume além da porta e pôde notar Devon nas sombras do hall, aproximando-se deles. Sorriu-lhe. Sim, Devon a acompanharia e Martin poderia tranquilizar ao seu pai.

Devon inclinou a cabeça para o Martin devagar.



Jane deixou cair à mão de Martin e empurrou Lorde Tremarctos para entrar na casa. Martin seguiu sobre seus calcanhares.

Ela contatou Devon e inclinou sua cabeça para ele.

— Senhorita Milton.

Seus olhos estavam afundados e sua pele cinzenta. Com seu cabelo loiro, parecia realmente doente.

— Está bem, Sr. Ursus?

Agitou sua cabeça.

— Muito bem. Só um fôlego leve, mas nada pelo que preocupar-se.

Martin estendeu a mão além dela e agarrou o ombro de Devon.

— Devon, obrigado. Sei que o pai não se abrandará. Não tenho idéia de onde está Mac e não posso perdê-la. Não quero que ela permaneça a sós, não com o Orsse começando. Se algo pode tirar Mac de seu esconderijo, será o aroma de um acoplamento fértil.

Devon tragou.

— Muito bem, Martin. Estará segura comigo. — Se voltou para ela e ofereceu seu braço. — Senhorita Milton.

— Espere Jane.

Martin agarrou suas mãos e as levou aos lábios. Sua língua seguiu a linha de seu dedo do meio, vacilante no vértice de sua mão. Seu olhar perverso apanhou o seu quando empurrou sua língua através da teia para fazer cócegas a sua palma. OH! A sensação recordou sua língua ao longo de seu sexo, lambendo as dobras inchadas. Com a língua ainda sobre sua mão, seu corpo se esquentou rapidamente pelo desejo e seu sexo se contraiu. Não queria que ele partisse!

— Serei rápido, Jane. — Seus olhos viram sua preocupação e ficou tenso; seu olhar se precipitou rapidamente ao redor da entrada. Agitou sua cabeça e a soltou.

Capítulo 08

Jane caminhou de um lado para outro de seu quarto, seus olhos fixos sobre a porta. Devon



estava no canto junto às janelas, observando os jardins abaixo.

Queria trocar-se, tirar suas roupas e estender-se nua sobre a cama para esperar por Martin. Sua pele começou a esquentar e sua regata se pegou a ela insuportavelmente debaixo de seu espartilho. Não podia tirar o espartilho ao menos?

— Devon, se incomodaria de ir ao corredor por um momento? Desejo me refrescar um pouco.

Os olhos do Devon se abriram desmesuradamente e agitou sua cabeça, voltando de retorno à normalidade.

— Está certo que está bem, Devon?

— Muito certo senhorita Milton. Necessita ajuda antes que parta?

Maldita seja! Necessitava. Os diminutos botões na parte de atrás de seu vestido teriam que ser desabotoados e em seguida abotoados novamente assim que tirasse seu espartilho.

Franziu o cenho.

— Não, está bem. Darei um jeito.

— Está certa?

Ele caminhou para ela e seu corpo faiscou como uma chama sobre gramíneas secas. Sua mente se aliviou e ela limpou sua testa com o dorso de sua mão.

— Maldita seja! — Seus olhos piscaram novamente redondos e em três pernadas parou frente a ela. — Começou.

—Desculpe?

Seu peito subiu e abaixou agitado, forçando seu colete de seda. Fechou seus olhos e aspirou, agitando sua cabeça. Quando os abriu, os olhos humanos retornaram.

— Me deixe te ajudar a ficar mais confortável, senhorita Milton. Posso sentir seu mal-estar. Tem que respirar.

Esticou suas mãos como se estivesse apertando-as muito forte.

— Devon, não creio que isso seja sábio. O que está mal contigo? Não parece nada bem.

— Estou bem. — Disse e lhe voltou às costas, mas não se afastou dela. O calor de seu corpo se estendia em ondas através de seus músculos. Um grosso jorro de umidade se deslizou de seu sexo e desceu por suas pernas. Trocou sua postura e jogou uma olhada à porta. Onde estava Martin?

Um gemido baixo veio de Devon. Era um som entre o deleite puro e a dor mais insuportável.



Não gostava da forma em que Devon estava atuando; queria que ele se fosse.

— Se pudesse ir ao corredor por só um momento, por favor. Logo pode voltar.

— Não! Martin confiou que eu te olhe. Você lhe pertence. — Se voltou para ela e seus olhos tinham trocado outra vez. — Santo céu! Seu aroma. Tenho que te tocar.

O corpo inteiro de Devon tremeu e seus olhos se abriram. Estava doente.

— Não! — Gritou quando seus olhos voltaram para sua posição original outra vez — Eu... pensei que podia controlá-lo, que podia permanecer à margem. Ele merece te ter.

Do que estava falando?

— Controlar o que, Devon?

Um uivo doloroso saiu de seus lábios e seus olhos voltaram a ser redondos. Arremeteu para ela que saltou para trás, ficando entre a grande cama e uma cômoda.

Seu olhar deslizou por seu corpo e fechou os olhos, inclinando sua cabeça ligeiramente para cima. Sniff, sniff.

— Você cheira tão bem. Maçãs doces.

— Devon. Você não está bem. Martin estará aqui a qualquer momento.

— Não o suficientemente rápido.

Ele estendeu sua mão e ela apoiou seus dedos sobre seu braço. Ele se deteve e ela esteve a ponto de vomitar. Parecia que os pães-doces que comera subiam rapidamente à sua garganta.

— Tenho escolha, não? Escolho ao Martin. Eu... nunca poderia ser feliz sem ele.

Um estrépito veio da porta que se abriu com um forte golpe. Seu olhar se precipitou ao Martin, que entrou em pernas no quarto.

— Escutei um uivo. Mac está aqui? Devon?

Tragou convulsivamente.

— Devon. Não faça isto. Pode dar a volta e se afastar. Você não é a quem escolho.

Seu corpo começou a tremer. Martin mataria Devon. O medo subiu por sua espinha dorsal, e seu estômago parecia despencar.

— Devon? — A voz de Martin era um grunhido grave.

Jane olhou fixamente ao Martin. Media uma boa cabeça mais que sua altura normal; seus ombros eram mais largos e seus olhos tinham trocado ao vermelho quando olhou fixamente seu irmão; estava preparado para matá-lo. Seus dentes apertados e um assobio baixo brotando profundamente dentro dele.



Devon olhou para Jane; nas profundezas de seus olhos podia ver a briga girar como uma tormenta desencadeada. Sua mente não a queria, mas seus instintos o faziam. Seus olhos piscaram loucamente enquanto lutava para recuperar o controle.

— Devon, se afaste dela...

Devon deu meia volta e correu direto para Martin, golpeando-o com tanta força que o jogou contra o suporte da chaminé. O ruído surdo foi tão alto e enérgico que o espelho tremeu sobre a parede mais acima.

Jane chiou.

— Não! Não faça isto, Devon! Martin! Não!

Suas mãos se envolveram sobre seu estômago, tratando de controlar as náuseas. O que podia fazer? Queria correr para eles e separá-los, mas era tão pequena em comparação! E tinham garras!

Deu um passo adiante e eles rodaram, grunhindo e vaiando, com as garras cintilando uma e outra vez. Por favor, que não se machuquem! Os sons de tecido rasgando, de carne rasgando, fizeram-na gritar.

Com um uivo, Devon saltou para trás. Seu braço tinha um grande corte, seus olhos trocaram ainda mais, tanto em forma como em cor. Um choramingo angustiado saiu dele e escapou do quarto.

Martin deu um passo adiante para segui-lo e Jane se equilibrou para ele. Lançou-se contra seu duro peito, agarrando seu casaco rasgado quando lutou por avançar além dela.

— Não, não, deixa-o ir! Não queria o que ocorreu. Tratou de controlá-lo. Mas seus desejos ganharam ao final. Martin!

Seu braço se travou sobre ela, suas mãos apertaram suas saias à altura de seu traseiro. Com um uivo animal rompeu seu vestido e anáguas e afastou o tecido para frente de seu corpo.

— Você é minha, Jane.

OH! Seu peito lutou por recuperar o fôlego.

— Efetivamente, sou sua, Martin. Não há nada pelo que se preocupar. Não te negarei.

Caiu de joelhos; empurrou o tecido de sua regata e beijou a pele branda de seu estômago logo abaixo de seu espartilho. Suas mãos deslizaram em seu pelo comprido e espesso e patinou sua língua na fenda de seu botão e logo mais abaixo por entre os cachos de seu púbis.

Seu corpo tremeu.



— Você está no Orsse. Isso é o porquê Devon não podia seguir escondendo que era uma possível companheira para ele.

Seu quente fôlego açoitou sua carne empapada, e ela se arqueou quando empurrou seus cachos em sua boca.

— Martin. Faça-me sua, Martin.

Grunhiu, e suas mãos baixaram, liberando o de seu casaco rasgado e seu colete. Queria vê-lo nu antes que os últimos raios do sol desaparecessem do quarto. Levantou-a e com grande rapidez a pôs sobre a cama.

Quando desabotoou as lapelas de suas calças, seu membro saiu de supetão por entre a abertura e ela ofegou. Quando antes disse que era grande, ela não tinha realmente experiência com a qual compará-lo.

Seu mastro se elevava além de seu estômago; a cabeça era do tamanho de uma maçã pequena, o eixo era somente ligeiramente menor. Abaixo, seus testículos penduravam grandes e ajustados como dois pêssegos peludos. Depois de tirar as botas, baixou suas calças e ordenou.

— Dê a volta, Jane, para que possa tirar seu espartilho.

Ela deu a volta e mordeu o lábio quando ele soltou as cordas. Seu coração golpeou desenfreadamente. Queria isto. Queria ser sua e só dele.

— Ponha-se de pé para que possa tirar isso.

Ele o fez, agarrando-se a seu ombro coberto com sua camisa de linho. Quando puxou o espartilho sobre seus quadris, seu olhar seguiu suas mãos. No alto de sua coxa debaixo da prega de sua camisa podia ver sua marca. Suas mãos viajaram por seu estômago e agarraram as abas de linho e retiraram sua camisa por sobre sua cabeça, observando os músculos de seu estômago dar um salto sob seu tato.

Seu olhar percorreu novamente a figura. Era a forma vermelha de um urso, elevado em toda sua estatura, cobria do topo de sua coxa ao osso de sua pélvis. Sua regata cobriu sua visão quando ele a puxou sobre sua cabeça.

Estendendo a mão, seus dedos roçaram o desenho e ele grunhiu.

— Explore-me, Jane. Temos todo o tempo do mundo.

— Temos? Sinto uma tremenda urgência de me unir a você.

Sua face pareceu ferver.

— Têm? — Estendeu a mão e agarrou o centro de seus peitos, beliscando a carne e enviando



ondas de prazer através de suas pontas. Continuou esfregando e floresceram, fazendo-se mais pesados sob seu tato. — O desenho foi gravado sobre mim quando cheguei à fase adulta. E o das costas quando... Uni-me pela primeira vez a uma mulher.

— Vire.

Ele o fez e os olhos de Jane se abriram. O adorno das costas era como gigantescas feridas de garras esboçadas em negro. Os dedos de Jane passearam sobre a carne levantada

— Quem te fez isto?

— Um dos parentes.

— Deve ter doído horrivelmente.

Riu.

— Estava na agonia de meu primeiro orgasmo dentro de uma mulher. Apenas me dava conta. Depois, doía como o inferno.

Que coisa tão estranha o que estava dizendo! Houve gente presenciando enquanto se liberava de sua inocência! Seu toque se deslocou por todas suas longas e musculosas costas. Seguiu suas omoplatas. Nunca tinha visto tal extensão de carne masculina descoberta. Cada músculo era duro e de uma ligeira cor dourada. Seu corpo tremeu e deu a volta. Empurrou-a na cama e a cravou ao brando colchão.

— Jane. — Inclinou sua cabeça de lado e a olhou com intensidade. — É meu mundo, Jane.

Os calafrios se esparramaram por sua pele e seus olhos se encheram de lágrimas. Seu lábio tremeu e o sustentou com seus dentes. Mãe querida! Seu coração doía.

— Eu... Quero você, Martin. Sei que é cedo, mas... — Olhou para cima para encontrar-se com seus olhos e ofegou. As emoções que pôde ver sobrecarregadas em sua face falavam de devoção, carinho, e entristecedora fé nela.

— Jane.

Uma lágrima filtrou por seus olhos e caiu à colcha. Ele separou suas pernas com seu joelho.

— Esperei, mas não me atrevi a sonhar escutar essas palavras de você esta noite. Quero você minha amada Jane.

Ela apoiou uma mão sobre seu peito. Seu coração palpitava debaixo de seu tato.

— Seu coração é o meu, Martin, e meu coração é o seu.

Ele se acomodou entre suas pernas; a ardente cabeça de seu membro acariciou suas dobras. Um cremoso fluido gotejou dela, cobrindo a cabeça de sua estaca. Empurrou pouco a pouco e os



lábios de seu sexo se separaram, deslizando a ponta em sua abertura.

OH! Queria que ele a enchesse. Suas pernas tremeram e estremeceram, mas ele manteve o passo exasperante e lento. Sua carne estirou e estirou até que a encheu totalmente. Seus quadris se arquearam para cima para encontrar os seus.

Ele roçou seus pelos em seu púbis e a tensão erótica se desdobrou desde seu ventre, elevando e construindo o prazer. Seus quadris se retiraram e seu comprido pênis se deslizou; cada polegada de sua estaca estimulou as paredes de sua vagina. A coroa de sua cabeça puxou de sua pele quando se retirou através de sua entrada. Seu útero jogou faíscas com o calor, estremecendo-se, necessitando seus movimentos para lhe trazer seu presente.

— Mais, Martin, mais.

Ele vaiou e empurrou novamente. Seus braços tremeram enquanto abraçava o gigantesco corpo que a rodeava. Seus dedos seguiram os músculos tensos, sentindo seu poder enquanto fechava-os.

Seu mastro deslizou novamente nela. Cada compasso de seu coração ressonava através da carne firme, palpitando seu centro interior. Arqueou e rebolou, estendendo a mão para tocar seu corpo nesse lugar encantador que formigava.

Seus quadris cobriam os seu com um rangido. Ele se afastou para trás. Seu corpo tremeu e arremeteu novamente para dentro e rodou. Envolvendo seus braços sobre ela, apertou-a forte, pressionando o ar de seus pulmões e segurando seu corpo completamente imóvel em cima dele. Estava tão lânguida como um trapo. Ele controlava cada um de seus fôlegos.

Pressionou com seus quadris para cima e derramou suas sementes nela. Intranquila e com os movimentos restringidos, tudo o que podia fazer era receber seu ataque violento.

Ela abriu as articulações de seu quadril, estendendo suas pernas para que separassem ainda mais com o propósito de que seu sexo se abrisse completamente para ele. Os músculos sobre seu torso tremeram com violência e a segurou completamente quieta. Ele vaiou e uivou, deslizou dentro e fora uma vez, e a voltou de novo.

Seu fôlego ficou entupido em sua garganta e seu corpo tremeu com o calor intenso e o prazer. O deleite se elevava.

Ele se deteve. Olhou-a com olhos selvagens, balançou seus quadris uma vez e lançou um grunhido. Sua vara longa e robusta palpitou em seu interior. A sensação de suas sementes fez cócegas em seu útero e ajustou seus músculos. Seus quadris balançaram quando o roçou ela



mesma. Seu corpo tremeu embargado pela sorte que se apoderou dela e suas pernas o seguraram fortemente quando ele gritou em seu clímax.

Entretanto, não soou como um grito a seus ouvidos — era mais como uma declaração.

Ele acariciou seu cabelo e afrouxou seu domínio sobre seu corpo. Ela tragou saliva ante o aroma de sua excitação sexual e sua semente e gemeu. Era uma libertina! Seu corpo não estava satisfeito. Sua mão massageou suas costas.

— Não muito satisfeita, querida Jane?

O calor resvalou de seu corpo em uma confusão de vergonha e excitação sexual. O aroma de canela de sua pele a fez tremer.

Seu peito tremulou em uma risada afogada debaixo dela.

— Não deve se envergonhar, Jane. Seu corpo não estará satisfeito até que um Ursus cresça em você. Dê-lhe tempo. Enquanto isso farei todo o possível para procurar dar o que você gosta.

Martin olhou Jane dormindo em seus braços. Seu corpo estava débil e esgotado pelos nervos e a preocupação dos passados três dias. Nunca tinha pensado que estaria estabelecido a esta idade, mas não mudaria por nada.

Jane... Podia cheirar ao seu filhote crescer nela. Os pelos de sua nuca se arrepiaram e suspirou. Isto era o que queria que fosse sua vida.

Seus olhos se abriram e olhou-o debaixo das mantas.

— Martin, pode me contar? Como chegaram os Ursus a ser como são?

Sua mão se esticou sobre seus peitos, e gemeu.

— Quando nosso clã entrava em batalha, levávamos sarks de peles de urso que tinham sido tratadas com azeites mágicos e ervas para convocar o poder do Urso Sagrado. O levar as sarks chamavam as fontes de fortaleza e resistência dos ursos para usar durante a luta. Algo ocorreu durante uma batalha faz muitos anos... Dizem que fomos amaldiçoados pelo clã contra o que lutamos e o sangue da pelagem de urso se mesclou com o sangue da luta e nos alterou para sempre. Fortaleza e resistência são as qualidades principais que tiramos do urso, mas com o tempo outras faculdades se desenvolveram, coisas que os ursos não tinham. Temos habilidade de ler mentes e emoções, usar nossa força não só fisicamente, mas também mentalmente, mover objetos com a mente. Todos temos estas habilidades em graus diferentes. Devon, por exemplo, não pode mover nada com sua mente. Bem, pode sim desde que seja uma pluma. Eu, por outro lado, posso mover quase tudo.



— As árvores?

— Efetivamente.

Sorriu.

— Não podia deixar ir.

Pôs sua mão sobre seu coração.

— E corações.

Apertou-a.

— Não exerci nenhuma influência sobre você, Jane.

— Sei isso.

Sorriu se elevou e olhou seu rosto.

— Seu desejo por mim é o que ganhou meu coração, Martin.

Apoiou-se nele e beijou seus lábios. O tato como o bater das asas de uma mariposa o reconfortou e lhe arrepiou a pele ao mesmo tempo. Levantou sua mão e moldou seu queixo; então empurrou sua língua em seus lábios separados. Embriagador! Tornou-se para trás.

— Quero-a, Jane.

Seu lábio tremeu; antes que pudesse falar, beijou-a duro, fazendo suas cabeças dar voltas outra vez.

Epílogo

Tremarctos permanecia calado exceto pelos grunhidos e os gritos de acoplamento que vinham do quarto em que a senhorita Milton residia. Era bom que tivesse deixado o castelo. Devon e Martin estavam atrás dessa mulher e Mac, também, farejava-a como uma possível companheira.

Mac não queria nada relacionado com isso. Podia farejar seu Orsse inclusive a esta distância em cima da colina, mas estava seguro. Martin a tinha. Sorriu. Era feliz por seu gêmeo e não podia esperar para saber o que tinha ocorrido com pai e Devon.

A senhorita Milton era membro da família agora e seus filhotinhos seriam apresentados ao mundo no Tremarctos. O aroma de seu Orsse fez seu corpo tremer.

Nunca tomaria uma companheira outra vez. Os calafrios atravessaram seu corpo. Foderia a



uma mulher uma vez e somente uma vez; logo o impulso se iria e poderia seguir adiante.

Seus irmãos podiam continuar a família. Seria um bom tio. Adorava aos meninos, mas nunca procriaria a um menino próprio.

Aguardem: Mac

